

Cultura, Educação e Tecnologias na Casa dos Meninos





Cultura, Educação e Tecnologias na Casa dos Meninos

São Paulo, 2024

Centro de Pesquisa e Formação

Sesc São Paulo

Organização

Fernando Almeida, Gustavo Torrezan,

Leonardo Foletto e Lilian Kelian



Sesc – Serviço Social do Comércio
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional Luiz Deoclecio Massaro Galina

Superintendentes

Técnico-Social Rosana Paulo da Cunha

Comunicação Social Ricardo Gentil de Oliveira

Administração Jackson Andrade de Matos

Assessoria Técnica e de Planejamento Marta Raquel Colabone

Assessoria Jurídica Carla Bertucci Barbieri

Gerentes

Centro de Pesquisa e Formação Andréa de Araújo Nogueira

Sesc Digital Fernando Tuacek

Educação para Sustentabilidade e Cidadania Denise Baena

Estudos e Desenvolvimento João Paulo Guadanucci

Artes Gráficas Rogerio Ianelli

Equipe Sesc

Carlos Padilha, Cleide Nogueira, Cristina Fongaro, Daniel Douek, Fábio Vasconcelos, Gislene Aprigio, Gustavo Torrezan, Helena Bartolomeu, Ian Herman, Igor Gabriel da Silva, Jean Guilherme Paz, Karin Cristina Laguna Montanaro, Karina Musumeci, Lourdes Teixeira Benedan, Mauricio Trindade, Rafael Peixoto, Regina Gambini, Ricardo Ponzio, Rosana Catelli, Raoni de Freitas Alves, Silvia Hirao, Tiago Galdino de Souza Teixeira, Tina Cassie e Walter Cruz.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

Grão-Chanceler Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer

Reitora Maria Amalia Pie Abid Andery

Vice-Reitora Ângela Brambilla Cavenaghi Thelmudo Lessa

Pró-Reitor de Pós-Graduação Márcio Alves da Fonseca

Coordenadora da Pós-Graduação em Educação Branca Jurema Ponce

Professor Titular na Pós-Graduação em Educação Fernando José de Almeida

Casa dos Meninos

Diretoria

Ana Silvia de Miranda, Alice Pinheiros, Maria de Fátima Gomes Rodrigues, Maria Eduarda Soares de Jesus, Maria Lima de Araújo, Adriana da Silva Patrício, Luana Cunha Bhering Bastos, Luiz Paulo Ferreira Santiago, Renan Roselio dos Santos, Daiane Araújo dos Santos

Educadores Casa dos Meninos

Ana Silvia Miranda, Kevin Luan Cardoso Pascoal, Daiane Araujo dos Santos, Maria de Fatima Gomes Rodrigues, Galeano, Rodrigues, Luana Cunha Bhering Bastos, Alice Pinheiro, Luiz Paulo Ferreira Santiago, Helena de Fatima Santos Nascimento

Educandos Casa dos Meninos

Ewerton Kaique da Silva, Maria Eduarda Soares de Jesus, Julio Cesar Mendez, Gabriel Ferreira Brandão, Renan Roselio dos Santos, Lucas Vinicius Santos Rocha, Gustavo Henrique Barros Freire, Walter Henrique Procópio Ferreira, Juan Alves de Andrade, Esthefany Santos Silva, Stefany dos Santos Souza, Ycaro Samuel Campo Sapia Fernandes, Isabella Aparecida Oliveira dos Santos, Maria Luiza Santos de Lana

Organização, Edição e Pesquisa

Fernando José de Almeida, Gustavo Torrezan, Leonardo Foletto e Lilian L'Abbate Kelian

Ilustrações Cibele Lucena

Design Gráfico Gil Fuser

Revisão Sílvia Balderama Nara

Esta publicação está licenciada em Creative Commons Atribuição Não Comercial
Compartilhamento Igual (CC BY-NC-SA 4.).

Para ver uma cópia dessa licença, visite:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt-br>

Acesso em 03 de setembro de 2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cultura, educação e tecnologia na casa dos meninos /
organização Fernando Almeida...[et al.]. --
São Paulo : Centro de Pesquisa e Formação
do Sesc São Paulo : PUC - SP, 2024.

Outros organizadores: Gustavo Torrezan,
Leonardo Foletto e Lilian Kelian.

ISBN 978-65-87592-31-2

1. Democracia 2. Educação 3. Educação e cultura
4. Pesquisa 5. Tecnologias 6. Território I. Almeida,
Fernando. II. Torrezan, Gustavo. III. Foletto,
Leonardo. IV. Kelian, Lilian.

24-207809

CDD-370.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação e cultura 370.9

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253



PUC-SP



SUMÁRIO

PENSAR MÚLTIPLO, ESCREVER COLETIVO	2
Ó DA CASA! PODEMOS ENTRAR?	5
INTRODUÇÃO	7
PRIMEIRO ENCONTRO	9
HISTÓRIA DA CASA DOS MENINOS	21
TERCEIRO ENCONTRO	35
CLEODON SILVA, UM PIONEIRO	41
QUARTO ENCONTRO	43
QUINTO ENCONTRO	53
SEXTO ENCONTRO	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85

PENSAR MÚLTIPLO, ESCREVER COLETIVO

Luiz Deoclécio Massaro Galina

Diretor do Sesc São Paulo

Em tempos de sucessivas inovações tecnológicas, uma ideia produzida hoje pode facilmente se tornar obsoleta em breve período, sendo substituída por atualizações constantes de técnicas já existentes. Contudo, há meios para se alcançarem objetivos comuns que perduram na história, inspirando o reconhecimento de seu valor e de sua importância para a efetividade de suas proposições, como o princípio da coletividade.

Uma das potências da ação coletiva está na possibilidade de inter-relacionar pessoas, com vozes, visões, pensamentos e práticas distintas, somando experiências que podem agregar resultados na busca por um determinado objetivo. Agir em conjunto implica desenvolver habilidades que podem ser mais ou menos presentes no cotidiano das pessoas, como estar aberto à escuta ativa, ter ponderação, respeitar a divergência de opiniões, sem deixar que dissensos impeçam diálogos respeitosos.

Outro aspecto relevante no compartilhamento de decisões está na relação do grupo com o espaço que ocupa e no qual pretende fazer modificações, sejam elas objetivas ou subjetivas. Para tanto, conhecer e mapear em seu próprio território as facilidades e empecilhos para alcançar determinada meta torna-se percurso necessário no estabelecimento de rotas de ação, produzindo conhecimento e embasando estratégias de interferência local.

O trabalho desenvolvido há décadas na Casa dos Meninos – instituição social que, desde 1962, atua em prol do exercício da cidadania, da cooperação e do trabalho em rede com jovens do Jardim São Luís, zona sul da cidade de São Paulo – é exemplo de ação em conjunto, atuando na comunidade em que se insere de maneira dialógica e participativa. Ela retrata em seus espaços e fazeres quão fundamental é a atuação coletiva para ações que reverberem no entorno, semeando e nutrindo práticas a serem amplamente disseminadas.

A “pesquisa-encontro” aqui apresentada conecta duas instituições – Sesc e Casa dos Meninos – com magnitudes e trajetórias distintas, mas semelhantes em suas origens: são resultado da atenção de empresários preocupados com um quadro social específico e viram-se responsáveis por transfor-

mar, de alguma maneira, a sociedade em um lugar melhor para viver. E o trabalho com jovens constitui-se em outro ponto coincidente, pois ambas, acreditando nas potencialidades criativas da juventude, pensam atividades que visam estimular sua capacidade de mobilização, engajamento e protagonismo social.

Diante deste cenário, pensar o processo de escrita e de pesquisa que originou essa publicação não poderia ser diferente de um pensar conjunto, aproximando-se do conceito de “escrevivência” elaborado pela escritora mineira Conceição Evaristo, em que a escrita carrega a vivência da coletividade. E é em prol de uma coletividade disposta a realizar transformações sociais tão necessárias para a construção de uma sociedade mais equitativa que o Sesc segue realizando ações educativas e culturais.

Tenham todas e todos uma boa e profícua leitura!

Fim de semana

Av. Fim de semana

se
16

MB - Jardim São Luís
GEP 05846-270



== CASA DE RAÇÃO ==

Ó DA CASA! PODEMOS ENTRAR?

Fernando José de Almeida

Quando se entra em casa de amigo novo, saúda-se: “Ó da casa!” E, após as palmas, aguardam-se o latido do cão e os movimentos das portas, postigos, janelas e cortinas, que prenunciam o: “Quem é? Pode entrar”.

Chamamos “Ó da casa!”, e a resposta foi de um monte de meninas, meninos e gente jovem, nos atendendo.

Fomos lá, Gustavo e eu, numa tarde super-chuvosa de abril. As Marginais alagadas nos obrigaram a complicados volteios, rumo à zona sul.

***Ó meninos da casa!
Ó casa dos meninos!***

A composição do nome Casa dos Meninos esconde algumas características, mas abre outras novas.

Na primeira acepção, casa é lar, pois abriga e é calorosa. Mas é também oficina, é horta, é cozinha, é biblioteca, é local de debate, espaço de estudos, traz barulhos de casa e tem nas suas paredes e janelas o silêncio de mais de 50 anos de lutas – ela se ergueu em 1962. Suas histórias são silenciosas, mas logo, logo aparecem com ideais e enfrentamento de longa tradição no Brasil. Muitas delas serão narradas nos depoimentos e textos das próprias meninas e meninos.

Na segunda acepção, o nome Casa dos Meninos esconde que as meninas têm um enorme e equilibrado papel na construção da iden-

tidade da Casa. Não apenas por suas vozes variantes, mas pela construção de seu papel social de coprotagonistas de suas iniciativas, do vigor das ideias, acolhimento das suas produções, no seu papel social, por sua produção de conhecimentos, de redes de afetos e de competências.

Espantou-nos a longevidade e a “ancestralidade” de suas iniciativas. Chamo de ancestralidade, ampliando a extensão do termo, pois vê-se, na Casa dos Meninos, o respeito imenso pelas pessoas todas que os antecederam na sua construção. Tal ancestralidade está intimamente relacionada aos diferentes grupos sociais, culturais e étnicos – que são o retrato do próprio povoamento dos muitos bairros que se construíram ali à sua volta. Grande zona sul!

A ancestralidade tem marcas nas paredes, com os retratos e frases daqueles que iniciaram e viabilizaram a continuidade do projeto.

A horta, a cozinha, a oficina cheia de fios e aparelhos que dariam e dão suporte ao sonho deles e delas de construir “A maior biblioteca do mundo” no bairro, pelos conceitos desenvolvidos por elas e eles de que todos pudessem ler os livros de todos. A ancestralidade de tal imaginário e práticas coletivas está certamente baseada no conceito de que os mitos, as regras, as magias, as receitas de ervas, a partilha, o inconsciente coletivo, os amores, o valor da palavra, a alimentação em torno da mesa, as receitas de

bolos, passavam pelo coletivo. Nada era desperdiçado. A memória de seus valores era a memória de todos.

Nosso trabalho com eles começou naquele dia. E o desenho mais nítido do projeto se constituiu. Tivemos uma aula de história do Brasil, não apenas pelos relatos da constituição da obra, como pela narrativa de suas lutas para se manterem nesses 60 anos de vida. O tema aula como vetor e metodologia de nosso trabalho apareceu fortemente pela relevância que a Casa dos Meninos (e das Meninas) dá à escola e a sua centralidade em suas vidas.

Foram seis idas e vindas entre nós e nossas equipes. Seis aulas densas, trabalhadas por professores e alunos que se alternavam nos papéis exercidos.

Ônibus de idas e vindas, lanches, atividades lúdicas e reflexivas, demonstrações, vídeos, argumentos, histórias de vida, produção de textos, leituras, diálogos, tudo como uma forma de divulgar experiências de vida e de construção de tradições e reconstrução de legados entre nossas gerações.

Este livro relata um conjunto de aulas dadas coletivamente, construídas por todos os participantes e com a finalidade de mostrar que o conhecimento do futuro nasce da compreensão do passado, das lutas das gerações que nos antecederam, tudo articulado pela cultura e pelas nossas utopias.

INTRODUÇÃO

FAZER JUNTOS

Gustavo Torrezan, Leonardo Foletto e Lilian Kelian

Como desenvolver uma pesquisa em coletivo? Como pensar, sistematizar e escrever não apenas sobre, nem apenas para, mas também com outros sujeitos? Essa pergunta nos movimenta como equipe de pesquisadores, sob a amorosa orientação de Fernando Almeida e a generosa sustentação do Centro de Formação e Pesquisa do Sesc São Paulo.

Não encontramos nenhum outro caminho que não a experimentação de métodos singulares de pesquisa, modos que nos permitissem reconhecer a potência de um coletivo periférico com décadas de uma existência também singular e atravessada por muitas metamorfoses. Métodos que trouxessem à tona convergências, dissonâncias e conflitos que conformam a experiência comum de quem passa ou se instala na Casa dos Meninos.

A nossa pesquisa-encontro, como costumamos definir, organizou-se como uma estrutura singular de elementos disparadores (perguntas, textos e conceitos que nos apaixonam como pesquisadores, além de poemas, pessoas e músicas) e um convite aos jovens, educadores

e gestores da Casa dos Meninos para dialogar conosco sobre tecnologias, cultura e educação.

Os locais dos nossos encontros com o coletivo alternaram-se entre a sede da Casa dos Meninos, no Jardim São Luís, e o espaço do Centro de Pesquisa e Formação (CPF) do Sesc na Bela Vista, ambos em São Paulo. A diferença entre esses dois espaços marca profundamente os nossos diálogos. A Casa dos Meninos é uma grande casa num bairro periférico da zona sul da cidade, com uma linda estrutura de casa coletiva, situada no alto da rua Yoshimara Minamoto, quase esquina com a avenida Fim de Semana. Há salas com computadores onde são realizadas diversas oficinas (como de rede de computadores, produção audiovisual, antenas

de *wi-fi* com latas, criação de páginas *web*, entre inúmeras outras); uma cozinha coletiva, que sempre nos recebia com um delicioso e farto lanche; o salão de reuniões, onde nos juntamos todas as vezes que lá estivemos, um amplo espaço com mesas, cadeiras e uma bela vista para a comunidade – com direito ao alaranjado-rosado pôr do sol do mar de prédios, casas e gente da capital paulistana. No piso térreo da casa, um pátio interno, uma sala para a auto-proclamada (e que quer vir a ser) a “maior biblioteca do mundo” e o jardim, com sua orgulhosa horta coletiva. A outra casa foi a imponente estrutura do CPF Sesc – um prédio enorme e envidraçado numa rua paralela à movimentada e central avenida 9 de Julho – que buscava nos acolher com sua ampla sala, recursos multimídia vastos, que também oferecia um generoso lanche, geralmente no início de nossos encontros. Os jovens, em sua maioria moradores do Jardim São Luís e arredores, cerca de 17 quilômetros distante do Sesc, precisaram de um tempo para ficar à vontade com os imensos sofás brancos que no início pareciam engoli-los.

Realizamos ao todo seis encontros. A metodologia da pesquisa estruturou-se por dois movimentos opostos, mas complementares: 1) cartografias coletivas: momentos para convergir ideias, pensamentos e conhecimentos realizados na Casa dos Meninos para construirmos entendimentos comuns sobre pesquisa e seus conceitos estruturantes de território/cultura, tecnologia e educação; 2) ambiências criativas: encontros no CPF em que partilhamos novos repertórios e debatemos sobre eles, situações que serviram para

ampliar nossas compreensões a partir de problematizações da equipe de pesquisa.

Sistematizamos nossos diálogos de muitas maneiras diferentes e em muitas mãos. Muitos registros escritos foram produzidos pelo grupo que formamos. Desde palavras muito significativas sobre as nossas conversas, até frases e pequenos textos. Os encontros tiveram seus áudios gravados. Nem sempre caminhamos no sentido da convergência; nossas conversas sinalizam divergências que são acolhidas e celebradas como constitutivas dos fazeres coletivos e que são, por excelência, a própria forma da construção do conhecimento.

A experiência com o coletivo foi transformadora para nós como pesquisadores. Já nos primeiros contatos com as queridas Fatima e Daiane, da equipe de gestores e educadores da Casa dos Meninos, reconhecemos a radicalidade da expressão “fazer junto” na experiência do coletivo. E nos sentimos convidados a realizar uma escrita também coletiva, dialógica e intergeracional. Desafio imenso, porém aceito.

Como resultado desse processo de pesquisa, este livro é uma sistematização, uma documentação e uma reflexão em três dimensões: da própria metodologia da pesquisa-encontro; daquilo que aprendemos juntas e juntos; e dos princípios, conceitos e elementos metodológicos que orientam as práticas do coletivo.

PRIMEIRO ENCONTRO

Casa dos Meninos, 26 de maio de 2023

No dia 26 de maio, fomos à Casa dos Meninos para um momento de apresentação do espaço, para aqueles que não a conheciam, e o primeiro contato com as gestoras, educadores e jovens (estudantes das escolas públicas do entorno). Até então, nosso contato vinha sendo feito apenas com as gestoras, que tocam o dia a dia da organização e fazem parte do Conselho Gestor da Casa dos Meninos, criado em 2003.

Começamos por apresentar a nossa pesquisa, fato inicial que nos trazia ali. Junto com a apresentação, propusemos pensar juntos a partir de uma pergunta anterior – ou complementar – à nossa fala: “O que é fazer pesquisa com rigor metodológico e com relevância social?”. Pergunta aparentemente simples, mas que servia de disparadora para começar o processo que nos unia ali e para estruturar o que, de fato, poderíamos fazer juntos. Servia também para desestruturar possíveis convenções

previamente estabelecidas que poderiam limitar a função de pesquisador ou do ato de pesquisar como prática somente acadêmico-universitária. Nossa intenção era encontrar modos de fazer pesquisa juntos e em compromisso com o contexto.

Entre uma brincadeira e outra, conversas, risadas, aproximações e afastamentos, criamos os primeiros traçados da e para a produção coletiva desta pesquisa.



Gustavo: *Agradecemos a acolhida de vocês e por nos deixarem chegar e entrar aqui. Chegamos nesta Casa a partir de um projeto que vem sendo desenvolvido há cinco anos no CPF, que intersecciona “Cultura, Educação e Tecnologias”. Esse projeto já teve vários formatos, mas neste momento desejamos pensar a intersecção entre esses três campos e sobre a pesquisa: o que é fazer pesquisa? Como fazer pesquisa coletivamente? Junto a isso temos o interesse de dialogar neste território, a partir de um contexto específico e de experiências particulares diretamente relacionadas às da Casa dos Meninos. Chegamos aqui a partir de uma relação um tanto quanto longa, de vários encontros: o de Redes Comunitárias, realizado no CPF, em 2019; nas edições de 2017, 2018 e 2019 da CryptoRave; e também, claro, pela própria história da Casa dos Meninos, que conhecemos um pouco – sabemos do fato dela ter sido escolhida para sediar o lançamento do programa Pontos de Cultura no Estado de São Paulo, na época do então Ministro da Cultura Gilberto Gil, e em 2022 também ter sido o espaço de lançamento da pesquisa sobre Redes Comunitárias pelo Cetic.br¹. Ou seja: chegamos na Casa dos Meninos por toda a história que vocês possuem, com destaque para o aspecto de vocês trabalharem com redes comunitárias e software livre, o que de uma certa forma é o fazer conjunto, e que também é o pesquisar junto.*

1 Disponível em: <https://cetic.br/media/docs/publicacoes/7/20220905125048/estudos_setoriais_redes_comunitarias_de_internet_no_brasil.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2024.

Leonardo: *Nossa ideia é continuar nesta pesquisa aquilo que inicialmente fizemos com as Meninas Mahin. Para quem não conhece, as Meninas Mahin são um coletivo de mulheres negras que trabalham com geração de renda, cooperação e trabalho em rede, especialmente a partir de uma feira que as empreendedoras – como elas se chamam – organizam, que começou na zona leste de São Paulo e é realizada periodicamente em algum lugar da cidade desde 2016. Naquela pesquisa, a ideia foi pensar como a tecnologia povoava e interferia na vida delas. A partir disso, fizemos alguns encontros e produzimos um livro² contando a história delas em cruzamento com as questões de aprendizagem, tecnologia, território, cultura, raça e empoderamento. Na pesquisa, por exemplo, percebemos como a oralidade sobressaía mais que o texto para organização do coletivo e como, apesar da maior parte de suas comunicações se darem via WhatsApp, elas pareciam estar sempre em roda – como se a dinâmica ancestral da roda fosse deslocada também para o digital, mesmo ocorrendo num grupo de WhatsApp.*



2 Disponível em: <<https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/uploads/BibliotecaTable/9c7154528b820891e2a3c20a3a49b-ca9/357/16793440561833458917.pdf>>. Acesso em: 4 ago. 2024.

Chegamos na Casa dos Meninos com a ideia de continuar a pesquisa realizada com as Meninas Mahin. Ouvimos falar da Casa dos Meninos especialmente a partir das redes livres e comunitárias de internet e do trabalho social e cultural de vocês enquanto um Ponto de Cultura. Embora a gente tenha a pauta da cultura, educação e tecnologias, não necessariamente iremos trabalhar somente com esse foco: temos abertura para refletir sobre o que emergir das nossas conversas.

Nossa ideia foi criar um processo organizado a partir dos encontros de produção compartilhada, seja na Casa dos Meninos ou no CPF. Nós fomos até a Casa e a Casa foi até o CPF; nesses encontros, inicialmente em aberto para serem pensados com todas e todos juntos, produziríamos coisas, que seriam os produtos desta pesquisa. Neste primeiro dia, a nossa proposta foi a de chegada e reconhecimento.



Lilian: *No contexto da pesquisa, o meu interesse é pensar a educação. Eu consigo imaginar muitas conexões possíveis com o que vocês fazem aqui. Por exemplo, o que das práticas de um coletivo pode ser apoio para se construir a base de um projeto de escola? Talvez possamos enveredar por essa linha: pensar o que podemos mudar na escola, ou como fazer escola, já que para muitos a relação com a escola é bastante desafiadora. Talvez num projeto como este, os que aqui estão são muito apaixonados, mobilizados e interessados naquilo que aqui fazem. Isso nos faz pensar em, por exemplo, o que tem aqui que poderia ter na escola? Temos um caminho, ou muitos caminhos em aberto, para pensar juntos e fazer essa pesquisa – até agora temos definida apenas a estrutura de seis encontros presenciais.*

Para esse momento inicial, o que trouxemos foi uma pergunta para pensarmos e produzirmos juntos: o que é fazer pesquisa? Como cada um vê o que é fazer pesquisa? Depois disso, nossa ideia foi pensarmos juntos o que podemos fazer como pesquisa na Casa dos Meninos. Depois de estarmos um pouco mais aquecidos, o segundo passo foi saber o que as e os integrantes da Casa dos Meninos pensavam sobre o resultado da pesquisa: será um livro como foi feito durante a pesquisa com o coletivo Meninas Mahin?

Para começar, trouxemos uma ideia meio maluca, com papéis (tarjetas) para que cada um pudesse escrever o que vem à cabeça quando se pensa nas perguntas: “O que é fazer pesquisa? E por que queremos sempre conhecer mais?”.

Após cerca de 20 minutos, as respostas foram escritas nos papéis e organizadas numa grande mesa, onde nós começamos a ler e comentar cada uma delas:

Leonardo: *Vendo o que escrevemos apareceu “reconhecer”.*

E reconhecer é conhecer novamente, é conhecer algo de novo.

Galeano: *É reconhecer algo na gente que não sabíamos e ao mesmo tempo conhecer algo novo.*

Lilian: *O que vamos reconhecer aqui na Casa dos Meninos? O que vamos conhecer de novo? As expressões “compartilhar conhecimento”, “compartilhar” e “compartilhar os problemas” também são significativas. Não é em todo lugar que, feita essa pergunta, aparece como resposta a palavra compartilhar. Predominantemente, pesquisar pode ser uma coisa solitária, que se faz sozinho. Mas aqui na Casa dos Meninos vocês estão dizendo que é diferente, o que mostra uma particularidade muito legal. Tem aqui escrito também, acabei de ver, o “fazer juntos”.*

Galeano: *Gostaria de fazer um comentário sobre as respostas. Apesar de parecer que cada um constrói uma parte no seu mundo, vale lembrar que todo conhecimento é construído em cima do que já foi construído. Mesmo parecendo sozinho, a gente nunca está sozinho.*

Lilian: *A gente está sempre se relacionando com ideias de outras pessoas e, de certa forma, continuando algo.*

Fátima: *O que me chamou atenção aqui também é a quantidade de vezes que apareceu “compartilhar” – que talvez seja mesmo uma característica nossa. Na missão da Casa dos Meninos, aparece uma frase escrita que diz o seguinte: “quem hoje aprende amanhã ensina”. Então a gente tem muito essa preocupação de ter que aprender hoje, mas também ter que ensinar amanhã, pois temos que multiplicar. Essa multiplicação é cultural aqui. Se alguém está aprendendo alguma coisa e não tem compromisso nenhum em passar adiante, a gente já começa a trabalhar para incorporar esse sentido de compartilhamento nessa pessoa. O compartilhamento é algo que está muito enraizado na gente.*



Lilian: *Vocês veem o conhecimento como um bem que é comum. Por isso que está circulando muito em nossas cabeças hoje a ideia de compartilhamento. O bem como algo que é compartilhado.*

Entre as palavras tem aqui também “mudar”, “descobrir” e “mudar o ângulo de enxergar as coisas”. Quem escreveu deseja falar sobre?

Luana: *Essa sou eu! Eu escrevi “descobrir” pensando nessa questão da pergunta. A gente já tem alguma bagagem de acúmulo e com isso*

partimos para descobrir algo novo ou ressignificar. Por exemplo, a gente sabe ler e com a leitura partimos para descobrir ou podemos ressignificar algo novo. Para pesquisar precisamos saber ler e escrever para fazer algo novo. Isso vai ao encontro da filosofia da Casa dos Meninos, pois é preciso partir da bagagem que temos para que possamos ter acesso a outras coisas e, então, descobrir coisas novas. Vale dizer que não podemos sentir “eu não sei e não tem como fazer”, porque tem, sim! Por exemplo, nossa horta: é em rede que estamos fazendo. E também descobrindo como fazer coletivamente.

Lilian: Quem escreveu “mudar” quer comentar?

Galeano: Pra mim tem muito de uma dimensão que pesquisar é se movimentar para reconhecer ou conhecer e esse processo implica em mudança, ainda que a mudança seja para comprovar ou “legitimar” aquilo que já sabia. Por exemplo: um

“caminhar” até lá para voltar até aqui. Nesse processo de “caminhada”, a gente já muda e fica diferente. Nisso há um processo que é similar ao pesquisar e perceber a mudança.

Lilian: Tem aqui escritas as palavras “informação”, “participação” e “acesso”. Alguém que escreveu quer falar?



Silvia: A gente faz muita pesquisa aqui na Casa dos Meninos, para tudo. E precisa de “informação”, por isso escrevi a palavra. Por exemplo, como pesquisar o dia da coleta seletiva, de quando o caminhão passa em cada rua para que possamos divulgar e as pessoas tenham acesso a essa informação, utilizando-a e instaurando processos educativos, como a mudança de hábito com o lixo. A pesquisa dá acesso para pensar e fazer diferente, até mesmo com políticas públicas. Aprendi com o Silva (fundador da Casa) a fazer, por exemplo, pesquisa sobre o médico que vou me consultar: quem é esse fulano de tal, se ele é bacana, até mesmo as avaliações que ele tem no Google. Então, pesquisar é uma forma de ir atrás da informação e do acesso.

Lilian: *Duas pessoas que escreveram “pesquisa é estudo” e uma “é uma coisa boa que me sinto feliz”. Alguém quer comentar? E tem aqui também “pesquisa é experimentar” e “pesquisa é uma forma de conhecer ou localizar algo”. Tem também “pesquisa é importante e você pode pesquisar e partilhar com o amigo”. Essa é*

uma frase que sintetiza muito do que estamos falando. Acho muito importante essa ideia da amizade percorrendo a pesquisa. E acho que nessa nossa experiência tem uma amizade percorrendo, algumas nascendo e outras se fortalecendo. Tem também “aprofundar num assunto”. Quem trouxe essa ideia?

Daiane: *Eu! A impressão que dá, e até parece muito óbvio, é que a pesquisa faz com que a gente compreenda melhor algumas coisas, crie caminhos mais significativos e com resultados. Que faça sentido para quem está fazendo.*

Lilian: *E tem ainda a palavra “conhecimento”, “busca”, que acho que de certa forma está neste universo da busca por conhecimento, compartilhar conhecimento, buscar informação. “Acesso ao conhecimento.” tem uma coisa muito interessante aqui: “mistério”. Pesquisar é mistério? Quem escreveu isso quer comentar?*


Leonardo: *Eu escrevi a palavra “mistério”, pois muito do que a gente faz sobre pesquisa é um mistério. Qualquer pesquisa tem algo de misterioso, seja de pesquisar para escolher um médico ou como fazer um site no Wordpress.*



Várias vozes de pessoas: “É o que estamos fazendo aqui”,
“é uma pesquisa coletiva, colaborativa, cooperativa”.

Lilian: *E faz sentido uma pesquisa coletiva, colaborativa, sobre a Casa dos Meninos?*

Profusão de vozes de pessoas:
“Sim! Faz muito sentido!”



Fátima: *Vou falar um pouco da minha expectativa sobre o que é fazer pesquisa aqui na Casa dos Meninos. Sempre que falamos de pesquisa vem a ideia de que alguém vem de fora para entender, para saber o que acha. E sempre é uma pessoa de fora – no caso são vocês. Mas eu acho que a proposta que trazem, e como estou entendendo ela, é que essa pesquisa é a gente que vai fazer. É como se a gente pudesse colocar um espelho na gente mesmo, se olhasse nesse espelho e se perguntasse: “o que a gente tá fazendo?”. Aqui a gente reflete muito e tem um histórico longo de reflexão, mas a prática do cotidiano nos consome. Então, às vezes, aquela ideia que temos da Casa dos Meninos no dia a dia*

parece outra coisa – há uma certa dificuldade de se olhar, tamanhas as nossas diferenças. Temos pessoas aqui que estão há 30 anos e pessoas que estão aqui há 30 dias. Reconhecer! Voltamos à palavra aqui escrita, já que esses meses que vamos caminhar juntos serão um momento de se reconhecer. Vai ser um tempo para entender o que tem da proposta inicial da Casa dos Meninos, o que mudou, o que precisa mudar, o que fazemos na prática. A expectativa nossa é da gente se reconhecer na pesquisa, e de algum modo se “atualizar”. Então tô entendendo que é um outro tipo de pesquisa, não dessas que o pesquisador vai lá e captura o que quer, mas uma que constrói junto e isso é bom.

Lilian: *Eu estava lembrando de um conto do escritor uruguaio Eduardo Galeano¹. Ele conta a história de um menino que queria ver o mar e pede para o pai dele ajudar. É bom ter uma ajuda para a gente se olhar, para aprender a se olhar. Não queremos um objeto de pesquisa, mas uma reflexão conjunta sobre o que pesquisar e sobre o que é pesquisar. Nosso trabalho aqui é ajudar vocês a olhar para o percurso da Casa dos Meninos, para a relação com o território, com as tecnologias, com a educação, para o trabalho com os jovens. O menino do conto de Galeano, ao chegar ao mar, fica extasiado e sem conseguir entender o mistério da imensidão do mar, então pede ao pai: Pai! Ajuda-me a olhar!*

Silvia: *Ainda pensando nessa questão do mistério. Ainda hoje escuto algumas pessoas próximas a mim (pessoas da família, de laços amorosos) dizendo: “não sei o que você vê na Casa dos Meninos” e “o que você ainda tá pensando em fazer lá?”, ou “você ainda tá nessa? O que te encanta lá?”. Venho respondendo todos esses anos: “Eu acredito no processo”; acredito em tudo que foi escrito no dia de hoje e é por isso que ainda venho na Casa dos Meninos. Eu acredito nessa essência.*

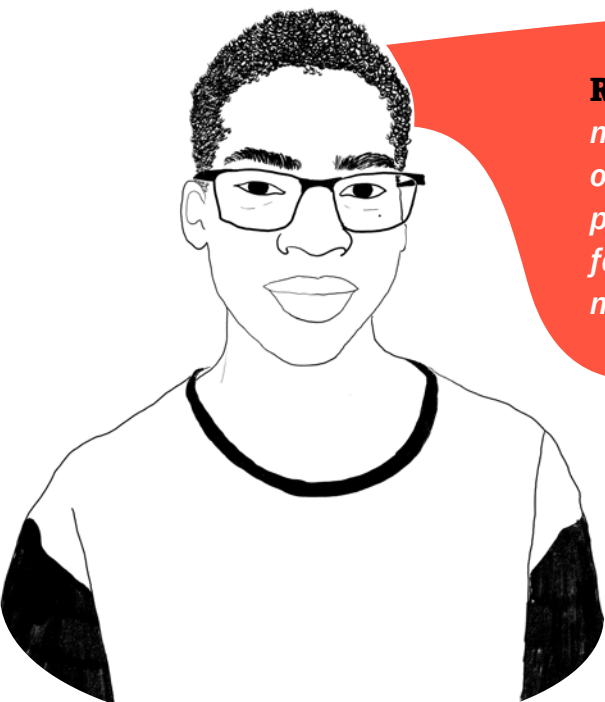
Daiane: *Eu fico refletindo nesse contexto sobre o lugar de engajamento. Não sei se é o mistério, mas me pergunto por que a gente faz o que a gente faz. Eu não gosto muito da ideia do mistério, mas me questiono sobre a luta que se faz e como a nossa luta nos move naquilo que estamos buscando e queremos construir. Eu não a enxergo como um lugar uniforme, tem a ver com respeitar os tempos, os lugares e os processos de cada um. Por isso o processo é demorado, e tem outros sentimentos que a gente não gosta de sentir, mas que também aparecem. É difícil pensar isso: do que a gente gosta e em que se engaja.*

Quando cheguei na Casa dos Meninos, em 2010, era um momento em que a gente estava discutindo redes comunitárias, mas também sobre educação, o que é escola. A partir das redes, me vi junto a todos da Casa tentando construir uma ferramenta para um objetivo maior, que era o de construir uma comunidade mais justa, igualitária, buscar resolver os problemas sociais e se engajar politicamente nas lutas. Isso tudo usando as ferramentas tecnológicas digitais, pois foram elas que inicialmente me engajaram a estar aqui. E talvez por isso a palavra mistério me incomoda.

1

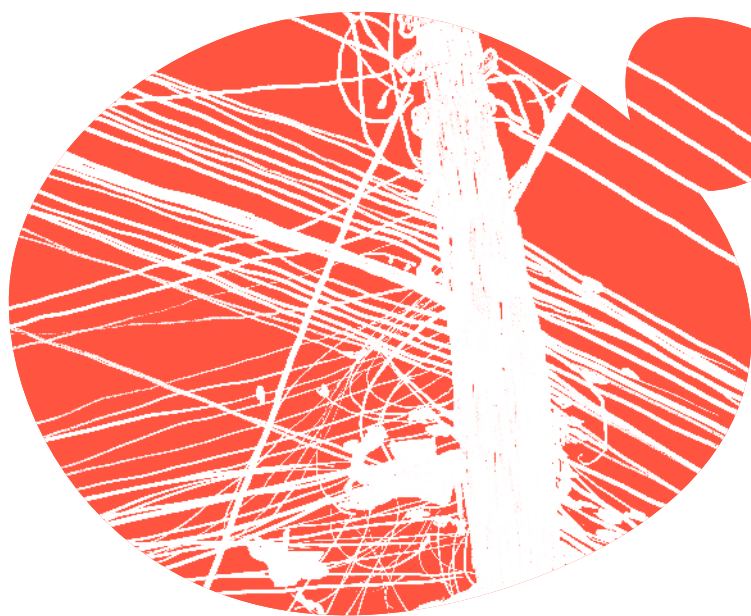
Eduardo Galeano, *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

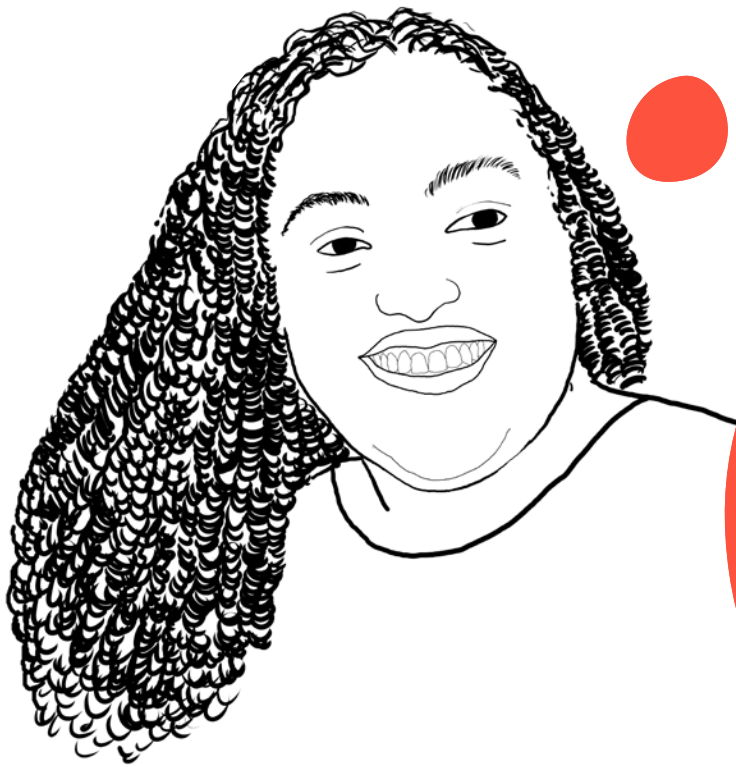
Leonardo: Qual foi o mistério que fez vocês chegarem até a Casa dos Meninos?



Renan: Eu cheguei para fazer aula aqui, mas depois a Casa dos Meninos me ensinou o que é o mundo. Me ensinou a ser uma pessoa bem articulada, a falar em roda, a falar em público. A casa dos Meninos me mostrou do que sou capaz e que posso mais.

Fátima: Vou contar uma curiosidade. O Renan está aqui há oito anos. E há oito anos ele insiste em dizer que um dia será o presidente da Casa dos Meninos.





Lilian: *Vou acrescentar uma pergunta que vocês me fizeram pensar: os temas que vocês estudam e praticam aqui não são exatamente temas fáceis. Mas aqui vocês disseram que aprendem de uma forma que não é tediosa. Como é isso para vocês educadores?*

Kevin: *Eu busco sempre fazer atividades descontraídas. Trazer aspectos lúdicos, de jogos, para as aulas.*

Renan: *O lugar é feito pelas pessoas. Eu faço esse lugar onde eu vou. E aqui a gente faz a Casa dos Meninos ser legal e cheia de histórias.*

Galeano: *Essa é uma boa deixa para a gente contar a história da Casa dos Meninos, porque ela se mostra como um projeto de cidadania que se engaja na democracia e não na democratização, ou seja, a Casa dos Meninos se empenha na construção de uma sociedade que participa efetivamente, e essa participação se dá como processo de aprendizado e prática de educação.*

HISTÓRIA DA CASA DOS MENINOS

FÁTIMA: A casa dos meninos nasceu como um orfanato só de meninos, em 1962. Um conjunto de empresários da época, preocupados com a questão do abandono de crianças, resolveu fazer, na periferia de São Paulo, um orfanato para meninos. A demanda foi muito grande e em dez anos os criadores resolveram desistir da ideia do orfanato. Então repassaram o prédio para a comunidade, dizendo para ela se apropriar e fazer lá o que desejasse com ele. As pessoas que passaram a cuidar da iniciativa estabeleceram, então, uma parceria com a Assistência Social da Prefeitura de São Paulo, tornando a casa uma espécie de extensão do Estado. Nesse período – que durou aproximadamente 30 anos, dos anos 1970 até o final dos anos 1990 –, o trabalho basicamente era de receber adolescentes para passar um período de contraturno escolar e receber assistência social. Durante esses anos, alguns cursos avulsos e isolados foram acontecendo, de um modo não sistemático.

A história da Casa dos Meninos passa a se diferenciar com a chegada do Silva na Casa. O Silva tinha criado um instituto, o Instituto Lidas, e a partir dele propôs uma

parceria, que rapidamente foi acolhida na Casa, que estava em um momento frágil. A partir de seu trabalho nos sindicatos dos metalúrgicos, ele percebeu que seria

uma estratégia não mais lidar com os trabalhadores, e sim com seus filhos; não mais organizar a luta social somente no local de trabalho, mas também no local de residência dos trabalhadores.

Ele chega então na Casa dos Meninos com a ideia de trabalhar a formação dos jovens filhos de trabalhadores com as novas tecnologias: de cara. Dizia que a Casa teria que aceitar uma sala de informática, ainda não tão comum em 1999. A partir da articulação com empresas da região, conseguiu conectar internet na Casa, criando a primeira sala de informática da região, e deu início a esse novo modo de trabalhar, que a princípio trouxe várias ações arrojadas envolvendo a questão do território e da tecnologia.

Silva começa a instigar a gente da Casa dos Meninos a construir uma cooperativa de logística urbana, dizendo que o produto do futuro é a informação, ou melhor, a capacidade de organizar a informação. A proposta da cooperativa era, duas vezes por semana, levar os adolescentes, jovens estudantes da Casa, a percorrer o entorno de suas residências para colher todo tipo de informação, que seriam organizadas num sistema *on-line* e seriam comercializadas e trocadas com o poder público.

Definimos então três grandes objetivos para trabalhar com informação: o primeiro na perspectiva da luta política popular; o segundo na relação com o

poder público; e o terceiro mercadológico, venda de informação para empresas. Nós montamos um esquema a partir de 2002 para a construção da cooperativa urbana e trabalhamos aproximadamente 10 anos com esse enfoque, fazendo uma série de ações. Vale dizer que o projeto da cooperativa urbana era só formado por jovens e adolescentes que participavam da Casa dos Meninos.

Depois desse período, começaram a aparecer alguns percalços, decorrentes do exercício radical da participação dos adolescentes na gestão da Casa. Questões financeiras e trabalhistas passaram a ficar desordenadas, pois eles administravam também a Casa. Até então, a entidade tinha uma Diretoria Executiva que, na maior parte das vezes, era apenas uma diretoria fantasma, pois eram todos voluntários que não tinham tempo para ajudar diretamente no trabalho do dia a dia. Isso nos motivou para, em 2003, mudarmos o estatuto da Casa e criarmos o Conselho Gestor, que funciona até hoje, em que a Diretoria Executiva faz parte, assim como outras pessoas, inclusive funcionários da Casa.

No primeiro Conselho, tivemos um grupo de 21 pessoas, de diretoria, funcionários e jovens estudantes. Foi uma composição e uma relação conflituosa. Os adolescentes, que naquele momento eram só alunos, passaram a fazer parte da direção da Casa. Aí, então, foi explícita uma posi-

ção de boicote por parte dos jovens, num conflito entre os funcionários (que tinha o compromisso de trabalhar) e essa própria juventude (que tinham um compromisso de vida, digamos, político). Foi um momento bastante crítico e talvez o mais traumático da Casa, mas que resultou numa experiência boa: a criação de um sistema *on-line*, até hoje em funcionamento, para a gestão financeira da Casa (que era o epicentro de todos os conflitos) de modo coletivo. E esse sistema “pegou fogo”, simbólica e politicamente, pois íamos acompanhando diariamente onde eram gastas as quantias e a partir daí identificamos gastos irresponsáveis, especialmente por parte dos funcionários.

Nesses conflitos, houve uma saída em massa de várias pessoas da equipe de funcionários, com algumas delas indo até a justiça processar a Casa dos Meninos em busca de receber direitos trabalhistas, principalmente devido a uma discrepância entre o que recebiam como remuneração e o que era referenciado nos editais, que exigiam manejar rubrica dos contratos – que, por sua vez, eram questionados pelos estudantes,

Eu, Fatima, tinha 18 anos nessa época e, junto com a Luana, que é a atual presidente da Associação Casa dos Meninos, éramos as jovens imaturas que demitimos por justa causa a diretora da Casa da época, que também era funcionária e recebia uma parte de modo oficial e outra parte vinda

de diferentes rubricas questionadas por nós à época. E nisso aconteceu que essa ex-diretora foi na justiça e teve o direito de receber uma quantia que a Casa não tinha condições de pagar. Consequência disso foi que, não pagando, tivemos nosso CNPJ bloqueado judicialmente até 2018, o que significou também que nosso modo de buscar recursos ficou travado nesse período. Essa situação produziu um hiato de praticamente dez anos em que a Casa não teve muitas possibilidades de ação. Somente há pouco tempo isso foi resolvido: vendemos uma parte do terreno da nossa sede para sanar a dívida trabalhista com a ex-diretora. Nosso CNPJ voltou a poder ser novamente utilizado e finalmente estamos retomando as atividades, seja pleiteando e ganhando editais, seja com outras possibilidades de financiamento.

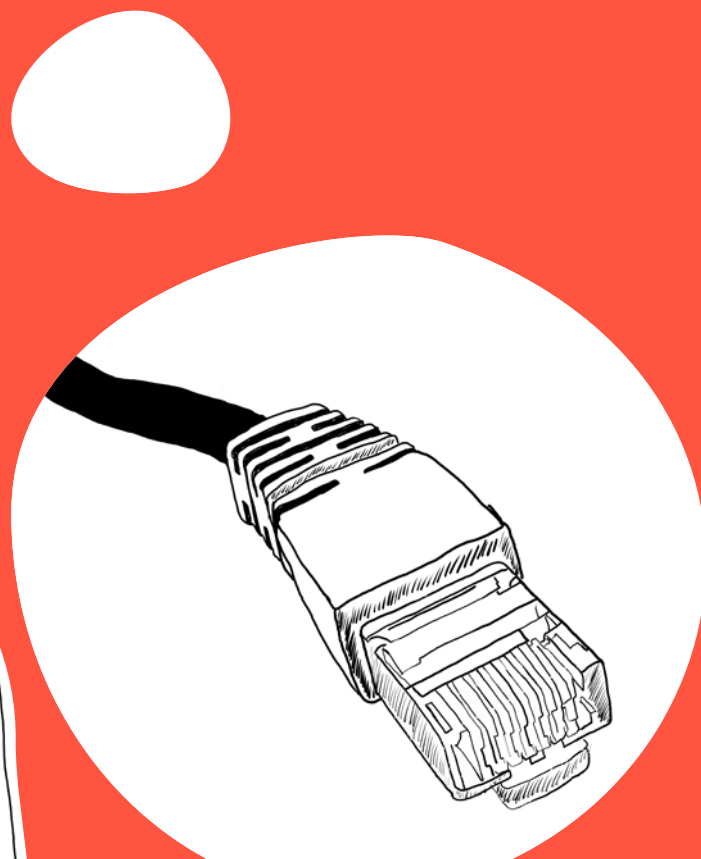
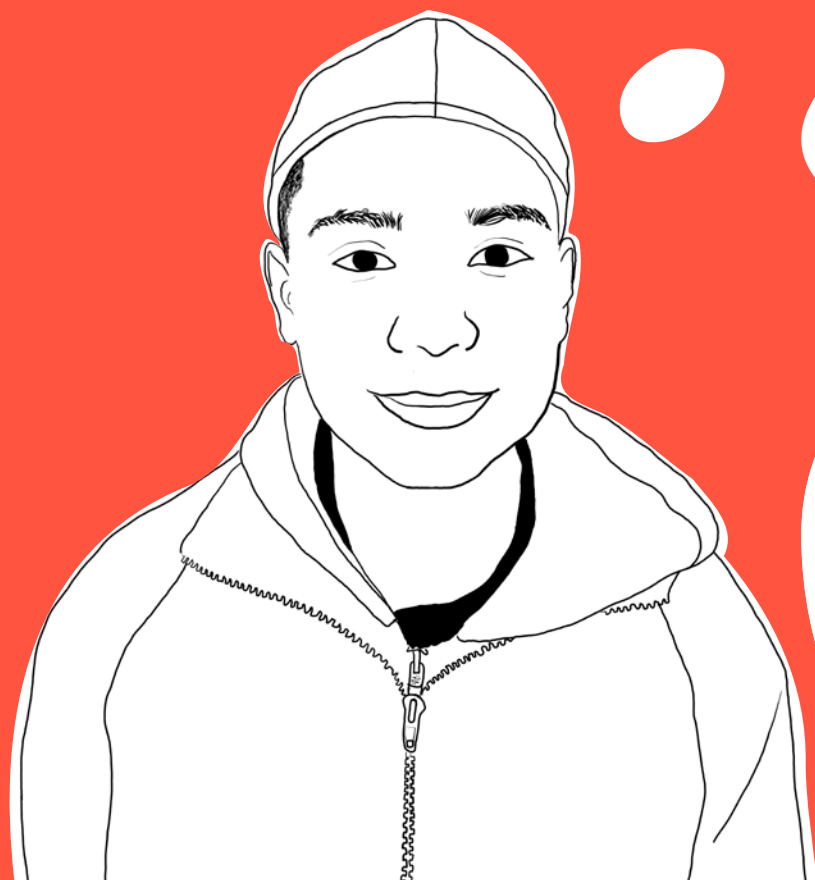
Através dessas várias experiências ao longo do tempo, estamos tentando desenvolver aqui na Casa um processo que chamamos de “apropriação territorial por parte da população local” – e que essa apropriação seja feita utilizando as tecnologias digitais. Nós entendemos que essas tecnologias servem para resolver demandas concretas da sociedade. Um exemplo na questão do território: o mapeamento sistemático, que gera dados para poder questionar ou complementar os dados censitários oficiais do governo. Isso possibilita ação política e o aprendizado direto do território pela população que aqui vive. Seguimos organizando a

luta popular, pensando, criando e exercitando tecnologias de luta popular.

Em 2022, a Casa dos Meninos retomou com fôlego suas ações a partir de um projeto aprovado pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos. Com ele, atendemos 40 adolescentes que participam das aulas no contraturno, recebendo uma bolsa para isso. Nesse projeto, os adolescentes estão divididos em três grupos e cada grupo tem uma ação comunitária e uma apropriação tecnológica. Tem um grupo que está estudando desenvolvimento *web*, que visa desenvolver um sistema *on-line* para fazer a gestão da nossa biblioteca e também fomentar empréstimos de livros na comunidade, configurando o que esta-

mos chamando de “a maior biblioteca popular do mundo”, pois tem um acervo que é compartilhado em rede através do empréstimo de livros de pessoas para pessoas no bairro e na cidade.

Outro eixo é sobre a sustentabilidade, pensado a partir das tecnologias de cultivo de plantas e de uma horta na Casa, que se expande para pensar relações ambientais e de saúde coletiva. O terceiro eixo é o da construção e configuração de infraestrutura, ou seja, instalação de antena para transmissão de internet, instalação de computadores, de rede e de *softwares* em computadores para termos apropriação da estrutura física do ferramental necessário para agir no e com o território.



SEGUNDO ENCONTRO

Centro de Pesquisa e Formação, 23 de junho de 2023

No dia 23 de junho de 2023, realizamos nosso segundo encontro, dessa vez no CPF. Desenvolvemos uma ambiência criativa com intuito de refletir sobre as nossas experiências formativas, escolares e não escolares.

Mas o que é uma ambiência criativa¹? É uma estratégia metodológica que facilita o diálogo intergeracional e a construção coletiva de reflexões ao colocar para circular algumas perguntas, ideias ou imagens e promover a escuta estruturada e mediada de um grupo de pessoas. A ambiência criativa valoriza a diversidade cognitiva do grupo – ou seja, que as pessoas são inteligentes de diferentes formas – e propõe pontos de partida também diversos para a conversa: alguns mais conceituais e discursivos, outros nar-

rativos e literários, outros ainda poéticos e imagéticos. Tudo isso para nos alimentar de maneira integral e proporcionar uma escuta multidimensional. A mediação ocorre para produzir pontos de convergência, reconhecer conflitos e dissonâncias e destacar os elementos que podem ser sistematizados pelo próprio grupo. Assim, produz efeitos de metacognição, isto é, produz o reconhecimento dos participantes em relação ao que foi aprendido na conversa.

1 Inspirada na metodologia desenvolvida pelo Cenpec para a Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, com o objetivo de levantar percepções, saberes e desejos juvenis, colocá-los em diálogo com os desejos dos profissionais das escolas. Fernanda Fragozo Zanelli e Wagner Antonio dos Santos (org. e coord.), *Itinerário para as juventudes e a educação integral em Minas Gerais*, Parte II: *Gestão democrática, currículo e mudança educacional*. 1. ed. São Paulo: Fundação Itaú Social, 2018. Disponível em: <https://issuu.com/jovensurbanos0/docs/livro_digital_jovens_urbanos_livro?utm_medium=referral&utm_source=www.cenpec.org.br>. Acesso em: 5 ago. 2024.

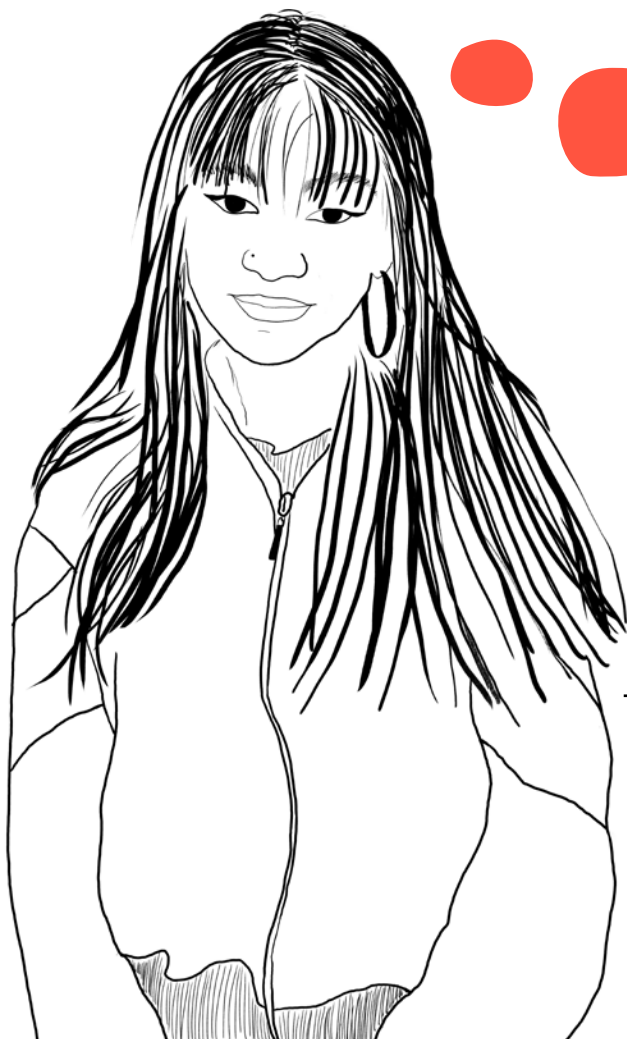
Sonharam um lugar no mundo para nós

Iniciamos nossa ambiência fazendo uma roda de história do nome². Formamos uma roda em pé, bem redondinha, de forma que pudéssemos nos conectar a todas e todos pelos olhares. E, entre risos de excitação e um pouco de vergonha, contamos as histórias dos nossos nomes. Nos engajamos num movimento de nos conhecermos de uma forma diferente das formas como normalmente nos apresentamos quando falamos nosso nome, idade, formação escolar e profissão. As histórias contadas foram surpreendentes até para pessoas da Casa que já se conheciam havia muito tempo.

Essa estratégia também possibilita fortalecer os vínculos entre as pessoas. Aliás, a essa altura já começamos a transgredir as fronteiras entre pesquisadores e pesquisados, buscando dar sentido prático à noção de “pesquisa-encontro” – uma pesquisa que acontece entre sujeitos.

Nesse dia, estivemos presentes, na ordem de apresentação da história dos nomes: Lilian, Gustavo, Fernando José, Esthefany, Luana, Kevin, Silvia, Maria, Daiane, Lucas Vinícius, Julio Cesar, Juan, Fatima, Alice, Ycaro, Helena, Renan, Walter Henrique, Ewerton Kaique, Maria Eduarda e Leonardo.

Destacamos a seguir algumas histórias que foram contadas.

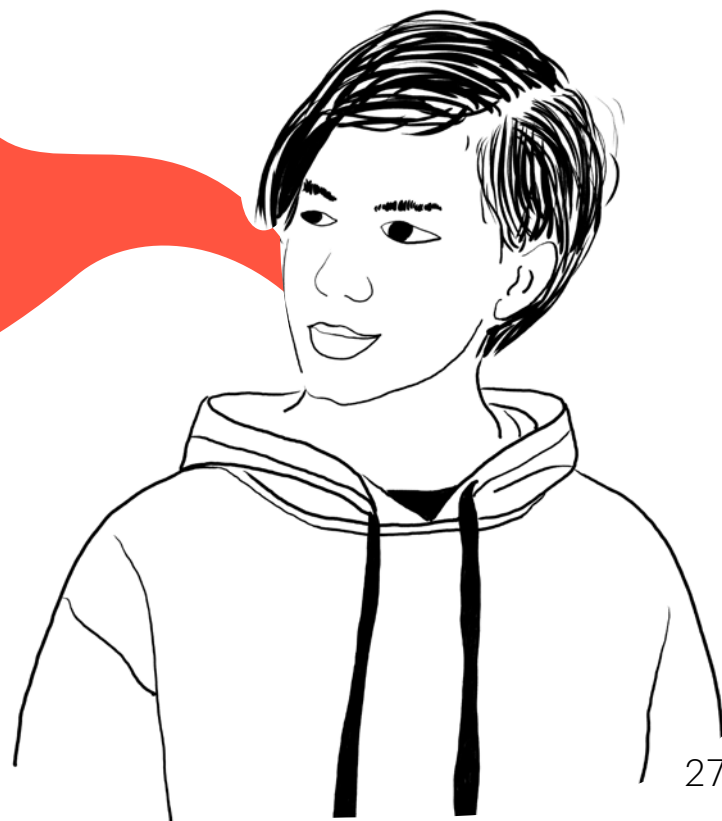



2 Inspirada na metodologia desenvolvida pelo Museu da Pessoa. Lia Paraventi e Ana Carolina Pereira de Carvalho. Sônia Helena Dória London (org.), *Histórias de ouvir e contar*. São Paulo: Museu da Pessoa, 2020. Disponível em: <<https://museudapessoa.org/wp-content/uploads/2021/06/Historias-de-ouvir-e-contar.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2024.




Meu nome é Lucas Vinícius, pois o meu pai queria que eu me chamasse Lucas e a minha mãe Vinícius. O meu pai queria que eu fosse engenheiro para ser chamado de Engenheiro Lucas. Já a minha mãe queria que eu me tornasse médico para me chamarem de Dr. Vinícius. Então eles resolveram me chamar de Lucas Vinícius. Eu não me lembro bem do significado, parece que está relacionado a uma cidade antiga. Já Vinícius tem a ver com uma das coisas que a minha mãe mais adora nesse mundo que é vinho [...]

Eu me chamo Ycaro, minha mãe gosta de nomes diferentes. O nome de uma das minhas irmãs é Alice, o da outra é Charlotte. Diz a minha mãe que meu nome é baseado na história de um menino que quis voar...



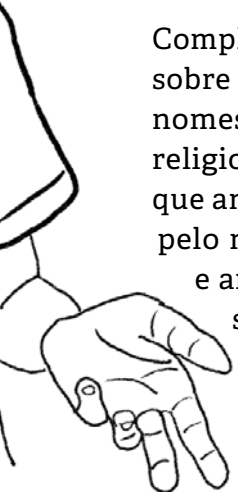


Meu nome é Renan. Foi o meu pai que escolheu o meu nome inteiro, inclusive não tem nada da minha mãe no meu nome. Renan vem de Ronan, que é um nome romeno. E o meu segundo nome é Roselio, porque quando o meu pai veio morar em São Paulo com a mãe dele, que se chamava Maria Rosélia, colocaram o apelido nele de Rosélio. E ele decidiu colocar o meu nome também de Roselio.



Meu nome é Helena de Fátima. Helena é o nome da minha falecida avó, Fátima é o sobrenome da minha avó por parte de pai. E o meu nome é completamente uma homenagem às minhas avós! Helena é um nome grego que significa força, luz.

Durante a roda seguimos mais ou menos à risca a recomendação de não nos interrompermos, embora risos e interjeições tenham feito companhia à narrativa dos participantes.



Completada a rodada, refletimos um pouco sobre as coincidências e diferenças. Nossos nomes foram inspirados por personagens religiosos, por tradições culturais (parece que antigamente toda família tinha que ter pelo menos uma Maria), pessoas famosas e artistas. Ou foram homenagens a pessoas da família e a amigos. Nomear também pode ser um momento de invenção de uma tradição familiar. Em uma família, todas as filhas tinham que ter Ana no nome; na outra, os nomes dos filhos tinham que começar com uma letra específica.

O exercício é encantador, porque a gente se lembra que alguém sonhou um lugar no mundo para nós. Nos sonharam princesas, médicos, engenheiros, artistas... Nos sonharam continuação das tradições familiares e/ou religiosas. Nos sonharam sempre unidos aos nossos irmãos ou irmãs (seja pela inicial dos nossos nomes, seja por um nome em comum como “Ana” da Sílvia ou “Maria” da Fátima que outras irmãs têm). Nos sonharam fortes, nos sonharam luz, nos sonharam voando. E se existem as disputas entre o pai e a mãe, talvez seja porque é como se o nome carregasse um pouco um destino para os filhos.

Não passou despercebido que os pais tiveram maior poder na definição dos nomes

das filhas e filhos. Além da questão prática de que os pais é que vão ao cartório realizar o registro dos recém-nascidos porque as mães estão cuidando deles, a Daiane se perguntou se não se tratava também de machismo. E o Gustavo até sugeriu algum mecanismo legal que possibilitasse às mães rever a decisão do pai, em caso de discordância.

Mas o que significa ser nomeado? Receber um legado para continuar? Talvez isso também seja interessante no exercício, narrar um momento em que nós não somos protagonistas de nada, apenas padecemos da trama ou do drama familiar. O que nos permitiu também rir de nós mesmos e das nossas famílias. Nos levar menos a sério!

Como disse o Leonardo, o nome – algo tão importante na nossa vida, que irá nos afetar pela vida inteira – não é escolhido por nós. Dificilmente iremos nos transformar naquilo que os nossos pais desejaram e, no entanto, a grandeza desses sonhos pode ser uma fonte de força e poder.

Nossas experiências na escola

Uma pequena animação foi o elemento disparador de uma conversa entre jovens, educadores e pesquisadores sobre as experiências na escola e na Casa dos Meninos. Os primeiros elementos notados pelos jovens tiveram a ver com as diferenças entre o ambiente escolar e o ambiente da Casa dos Meninos. A Duda contou que os educadores da Casa pediram para os jovens

organizarem as carteiras, mas esperavam que o fizessem de uma maneira criativa. A Fátima comentou que foi uma surpresa para os educadores quando os jovens reproduziram o formato da sala de suas escolas, com as carteiras enfileiradas. O assunto, aparentemente simples, deu pano para manga para muita conversa e reflexão.

O Julio Cesar disse que, assim como na animação, ele, às vezes, sentia a escola como uma prisão. “Não uma prisão de pessoas, mas da criatividade delas.” Kevin comentou uma cena em que a aula é sobre a borboleta e um aluno vê uma pela janela, mas leva uma bronca do professor por não estar prestando atenção. “Por vezes, a borboleta está ali para ser estudada na prática, mas a escola se limita à teoria.”

As imagens do aprisionamento levaram Renan a refletir: “Eu só penso uma coisa: como eu vou olhar através da janela se a janela da minha escola é ‘engradada’? Mas eu não sigo tanto as regras da escola, levanto a militância e é isso que a gente segue. No ano passado, a gente conseguiu fazer uma roda de conversa para ir contra esse sistema da gente estar sempre em sala de aula, enfileirado. E nós conseguimos ter uma aula ao ar livre, na quadra da escola”.

Duda continua a comparação: “Também percebo que aqui [na Casa dos Meninos] eu tenho mais coragem de me abrir. Na escola eu não consigo tanto como faz o Renan, pois lá eu tenho medo de errar e do povo me julgar”. Ao que Renan completa: “Na Casa dos Meninos, se a gente vai contra um edu-

gador, a gente senta e conversa para entender. Mas se formos fazer o mesmo na escola, o professor vai perguntar ‘está querendo saber mais do que eu?’”.

Fátima, que também trabalha como professora de Geografia em escolas públicas em São Paulo, enxerga a sala de aula como “um campo de guerra onde todo mundo é inimigo e cada qual vai procurando alguns aliados”. “Cada grupinho não quer saber do resto. E o elemento tensionador, a bomba explosiva nesta guerra, é o professor, que chega querendo impor ordens e conteúdos. Mas o professor deveria estar lá para criar sentidos para os jovens. Se tiver sentido para os estudantes, eles se desenvolvem praticamente sozinhos. Mas como criar sentido no meio de uma guerra? É muito cansativo enfrentar essa guerra todos os dias. Na Casa dos Meninos há um acúmulo de experiências bem diferentes, que não temos sistematizadas em uma metodologia. Um desses elementos é criar sentido para o grupo, valorizar o grupo. Conversar e se enxergar como grupo é algo muito central. Eu sinto falta desse trabalho coletivo na escola onde eu trabalho, por exemplo.”

De acordo com Lucas, algo que não tem sentido é estudar apenas para fazer a prova. “E depois da prova? Sabe, isso me lembra de que se tem uma ideia de que as melhores escolas do mundo têm um sistema rígido. Mas, na verdade, existem ótimas escolas mais liberais, onde os estudantes passam menos tempo na sala de aula e quase não fazem provas. E nessas escolas os professores ganham bem e continuam estudando, têm mestrado etc.

Percebemos que a experiência dos jovens na Casa dos Meninos muda a relação deles com a escola. Sim, a maioria deles passa a ter uma visão mais crítica da escola. Mas, ao mesmo tempo, existem aqueles que passam a valorizar a experiência escolar, buscar nela possibilidades de crescimento. Há aqueles que

se percebem num movimento de oposição forte e “levantam a militância”, mas podemos pensar que esses valorizam ainda mais a escola, a ponto de disputar e investir energia para um outro projeto de escola.

Elementos das práticas educativas da Casa dos Meninos

Desde o nosso primeiro encontro, viemos recolhendo aspectos das práticas educativas da Casa dos Meninos e pensando que um dos objetivos desta pesquisa-encontro seria fazer essa sistematização de que os

educadores sentem falta. A essa altura identificamos alguns enunciados dessa prática e usamos como um terceiro elemento disparador na nossa ambiência criativa:

EDUCAR PENSANDO EM COMO EU GOSTO DE APRENDER

HOJE APRENDE, AMANHÃ ENSINA

PRODUZIR SENTIDO COLETIVAMENTE

APRENDER COISAS NOVAS É DIVERTIDO / APRENDER JOGANDO

APRENDER FAZENDO / APRENDER NA PRÁTICA

CONVERSAR LIVREMENTE / ASSEMBLEIAS

ESCUTA E RESPEITO

Fazemos mais uma rodada de conversa para entender coletivamente esses elementos. Silvia explica que o que os jovens chamam de assembleias não são apenas as instâncias que envolvem toda a casa para tomada de decisões importantes, mas uma cultura democrática, na qual diversas reuniões menores, comissões, as reuniões pedagógicas [entre os educadores] e as próprias oficinas sustentam a construção coletiva, na qual jovens e educadores têm voz e decisão.

As instâncias formais e informais (conversas de corredor), onde os conflitos emergem e têm solução, conformam uma cultura comum. Como disse a Luana, os educadores estão convencidos da eficiência das formas democráticas para se chegar às melhores decisões. Por isso, quando alguém tem uma ideia, sempre vem uma pergunta: “Mas você pensou isso com quem? Se é coletivo, temos que pensar com várias cabeças”. Não é apenas um caminho ético, trata-se do aprimoramento das ideias por passarem pelo crivo coletivo – embora as primeiras ideias possam nascer na cabeça de cada um e sempre voltam para ela, reelaboradas!

Fátima conta que há uma hierarquia entre jovens e educadores, mas ela é transitó-

ria. O horizonte colocado aos jovens é o da autonomia como processo educativo. Há papéis e responsabilidades definidos, mas os jovens são convidados permanentemente a assumir novas responsabilidades. “Mas e quando ouvimos dos jovens coisas que contrariam nossos princípios educativos? Não podemos simplesmente ouvi-las, vamos precisar conversar melhor e, às vezes, colocar a nossa crítica para eles.”

Para os educadores, ouvir e respeitar não significa concordar com os jovens. O papel de interferir e mediar lhes parece claro. Escutar os jovens é, sobretudo, entrar em um diálogo verdadeiro e respeitoso com eles. Debate que pode envolver desconstruir condicionamentos que vêm de outros espaços, como a família, a escola, as relações capitalistas, entre outros.

Cuidar para que as coisas funcionem (limpar, cozinhar, organizar) num espaço coletivo é outro elemento fundamental. Na Casa dos Meninos, os jovens participam desse funcionamento. Assim, as relações entre teoria e prática, ensinar e aprender, pensar e construir vão se desalienando.

Um protótipo para a educação pública

Para contribuir com a sistematização das práticas educativas da Casa, apresentamos um pequeno trecho de um documentário sobre a experiência dos ginásios vocacionais, uma política pública paulista que existiu entre os anos 1962 e 1969. No trecho

selecionado, ex-estudantes das escolas narravam como o planejamento semestral era construído coletivamente em grandes assembleias. A sala do CPF foi preenchida por imensas reflexões e diálogos que buscamos transcrever a seguir.

Daiane: *Eu me pergunto constantemente como posso ser uma educadora melhor e me coloco no lugar dos jovens para tentar responder. Como educadora, eu fico muito provocada a construir a educação que eu gostaria de ter tido. Mas mesmo assim eu ainda reproduzo elementos da minha referência de escola. Da minha própria experiência escolar, eu lembro de me sentir muito retraída, muito fechada. Era como se aquele espaço não me coubesse. E eu tinha muita vontade de falar de outras coisas, coisas da vida, sobre*

o que fazer depois da escola [...] Eu estava tentando entender, porque pra mim o mundo era aquilo. Mas, quando eu cheguei na Casa dos Meninos, eu comecei a entender um pouco melhor certos estranhamentos em relação à escola, ao papel das mulheres e às desigualdades de gênero, entender que eu não sou pobre por destino. Existe uma estrutura social que sustenta essas relações, mas existe a possibilidade de mudar. Eu fico me perguntando: quem seria se eu tivesse passado por uma escola dessa?

Fátima: *Ser um lugar prazeroso e gostoso é importante, mas não é o que nos mobiliza. Inclusive existe um limite aí. A pergunta é o que fazer com o conhecimento. Como transformar a realidade em que vivemos a partir do conhecimento? Como somos um laboratório na Casa dos Meninos para que nossas práticas se disseminem na comunidade? A escola nos forma pelas coisas boas e pelas coisas ruins [...]*

Fernando: *Qual a identidade da escola? O que a escola faz que lhe é próprio? Por que a escola que deveria ser o espaço do conhecimento não tem sido esse espaço? Nosso papel é entender melhor o que é conhecimento escolar. Como é que eu faço para construir essa boa escola? [...] Nós podemos fazer uma escola diferente? Podemos! A Casa dos Meninos é uma inspiração para fazer diferente? É.*



Fátima: *Eu acho que, no passado, o objetivo da escola pública era reproduzir as elites do país. A escola atual é para quem? Agora que os filhos dos trabalhadores estão na escola, qual é o objetivo da escola? O problema atual da escola está aí, não se deseja educar para pensar, educar para ser revolucionário. O objetivo é ter pessoas que saibam obedecer.*

Fernando: *Em que sentido isso que você traz é uma ressonância dos valores da escola? Porque tudo o que vocês nos contam é experiência densa, energética e afetiva daquilo que a escola deveria fazer e não faz pelos seus estudantes. [...] Vocês plantaram uma ideia forte, a ideia de que a biblioteca é um lugar para juntar pessoas. Juntar, mas não embolar. Não é para ter lá dentro todos os livros, isso não seria biblioteca. A biblioteca é a ideia de que fora estão os livros. Por isso que vocês tiveram a coragem e a generosidade de chamar de “a maior biblioteca do mundo”. Toda vez eu fico emocionado quando penso nesse conceito que vocês criaram. Essa é uma ideia de escola! E porque é de escola não quer dizer que é uma cadeira atrás da outra, quer dizer que é o compromisso com o bem comum. Por quê? Porque está todo mundo espalhado e aí vocês juntam e dizem “vamos aprender juntos?” Vamos aprender coisas que sejam significativas para todos? Vamos*

aprender com professores vibrantes? Vamos aprender num ambiente onde partilhamos as responsabilidades (desde a limpeza até o sonho de futuro)? Isso é que a escola tem que fazer! E a Casa dos Meninos é um grande ensaio, um grande laboratório onde pedaços da competência da escola podem ser construídos e reconstruídos [...] Vocês estão criando um protótipo de política pública para melhorar a escola, não para reproduzi-la. O nosso objetivo aqui é sistematizar os elementos desse protótipo.

Fátima: *A questão não está na estrutura (nos espaços, nos tablets, nos recursos materiais, embora isso tenha uma importância), a questão está em como a gente olha para os jovens. Se eu olho para os jovens e penso que eles irão mudar o mundo, eu tenho uma relação. Mas se eu não tenho expectativas em relação aos jovens, se eu acho que eles não serão ninguém, aí a minha relação será outra. Na Casa dos Meninos nós trabalhamos com os jovens para que eles se tornem líderes de uma transformação das realidades que os subordinam. É um lugar afetivo, mas também é um lugar de uma tensão absurda, porque temos uma exigência grande. Não somos um grupo de amigos. Obs.: nosso convívio e esta publicação evidenciam que somos muito mais que isso!*

TERCEIRO ENCONTRO

Casa dos Meninos, 30 de junho de 2023

No terceiro encontro realizado, fomos novamente à Casa dos Meninos para discutir, dessa vez de modo mais franco e aberto, sobre um dos eixos que guiam a pesquisa: tecnologia. Buscamos, num primeiro momento, entender o que poderíamos ter quando fizéssemos perguntas básicas, como, por exemplo: o que é tecnologia para você?

Perguntas básicas não significam simples; pensamos em questões como essa, sem trazer referências conceituais de início, para entender o que vem à mente quando falamos de algo que nos parece ser naturalizado como a tecnologia. Desnaturalizar aquilo que já está enraizado em nosso coti-

diano pode nos indicar certas essências, “purezas” de entendimento que ajudam a sedimentar um comum compartilhado.

Agrupamos algumas das respostas à pergunta sobre o que é tecnologia aqui a seguir:

tudo o que o homem faz
para resolver suas necessidades

tudo o que o homem faz ou transforma

TRANSFORMAÇÃO DA NATUREZA PELA HUMANIDADE;
PEGAR AQUILO QUE É DA NATUREZA E TRANSFORMAR EM UM OBJETO;
ALGO QUE NECESSITA PARA DESCANSAR MAIS, IR MAIS RÁPIDO.

O ESFORÇO PARA EVITAR O ESFORÇO

aquilo que é conhecido por mais
de uma pessoa; um conhecimento

UMA FORMA DE FACILITAR O MODO DE VIVER
DO HOMEM; A MÃE (OU IRMÃ?) DA
TECNOLOGIA É A PREGUIÇA.

FERRAMENTA PARA REALIZAR UM SONHO

Algumas dessas respostas dialogam com as definições de um dos maiores filósofos brasileiros: Álvaro Vieira Pinto (1909-1987). Companheiro de Paulo Freire no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), entre o final dos anos 1950 e o início dos 1960, Álvaro entendia a técnica não somente como processo, mas como parte inseparável do ser e do corpo humano.

Vieira Pinto, a quem Paulo Freire considerava “seu mestre”¹, dizia que “a técnica está ligada à vida, não em sentido idealista e generalizada, mas no sentido de depender da produção, pela vida, do seu produto mais elevado, o cérebro humano”². Não é de surpreender, portanto, que diversos integrantes da Casa dos Meninos tenham comentado a dificuldade de vivermos sem tecnologia na discussão que fizemos neste dia. Fátima, por exemplo, no debate em que fizemos sobre em que momento *não usamos* tecnologia, sabiamente disse: “Em nenhum, pois ela está em todos os lugares. O ser humano não vive sem tecnologias; eu me relaciono com a sociedade também através das tecnologias”. Podemos concluir, com a ajuda de Vieira Pinto, que a técnica (e também a tecnologia) está intrinsecamente ligada ao ser humano, presente em todos os lugares onde habitamos (e também hoje onde não habitamos).

Diante da dificuldade geral (e conceitual) de todos em apontar quando não usamos tecnologia, Fátima, geógrafa de formação, seguiu dizendo: “Se a gente usa sempre e em todo o lugar, existem os marcos? Porque tem que estar datado em algum lugar – ‘alguma tecnologia foi inventada neste lugar e momento?’”. Algumas tecnologias fizeram as pessoas fazerem mais coisas, como o fogo, rádio, eletricidade, computador, por isso estas constam na história das tecnologias” – é o que disse Fátima, mas também poderia ser Vieira Pinto (ou Paulo Freire).

Álvaro Vieira Pinto não está aqui, neste texto e com esse tema, à toa. Ele é parte central do pensamento e da prática de Cleodon Silva, que nos acompanhou todos os dias na sala de reuniões da Casa dos Meninos, em um retrato no meio da sala. Silva, como todos o chamam, é o fundador da concepção política da instituição e quem começou o trabalho com tecnologia no espaço, lá em 1999, como já contamos aqui. “A concepção de tecnologia e os usos de tecnologias digitais da Casa dos Meninos são, em sua grande parte, derivados das experiências de vida e de luta de Cleodon Silva”, escreveu o sociólogo Guilherme Flynn em sua tese de doutorado³, defendida em 2021 na Unicamp, em que a Casa dos Meninos é o principal grupo estudado, chamada *Movimentos*

1 Segundo César Benjamin, na “Nota do Editor”, in Álvaro Vieira Pinto, *O conceito de tecnologia*. 1. reimpr. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007, 2 v. essa publicação não havia sido citada ainda; encontrei na Amazon estas informações (embora na Amazon, a primeira edição seja de 2007, encontrei no Dedalus o ano de 2008 - citado na nota seguinte - como o da primeira reimpressão)

2 Álvaro Vieira Pinto, *O conceito de tecnologia*, *op. cit.*, p. 146.

3 Guilherme Flynn Paciornik, *Movimentos sociais e tecnologias digitais [recurso eletrônico]: cultura digital brasileira, software livre e tecnopolítica*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: 2021. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1168398>>. Acesso em: 5 ago. 2024.

sociais e tecnologias digitais: cultura digital brasileira, software livre e tecnopolítica.

Ainda que não tenha sido diretamente citado em nossa conversa, Vieira Pinto se insere na Casa dos Meninos como pano de fundo do pensamento e da prática tecnológica. Como escreve Flynn em sua tese:

Da junção das reflexões da trajetória de Silva e da teoria de Vieira Pinto nascem o discurso e a concepção de tecnologia que organiza boa parte das práticas políticas da Casa. Uma percepção de que a tecnologia em si é eticamente neutra, sendo os humanos os responsáveis pelos seus usos e criação, “a técnica é eticamente neutra, não é boa nem má, os homens que o são”, a qual pode ser percebida também na frase de Fátima: “a tecnologia, você sabe, né? Pode ir para baixo..., para cima...” Também vem daí a concepção da tecnologia como um meio para se realizar o que se pretende realizar, assim como o conjunto das tecnologias como um acúmulo histórico do conjunto da humanidade, e como algo que não deveria ser privadamente apropriável.

No dizer de Daiane, aplicando Vieira Pinto: “As novas tecnologias ou a tecnologia em si são um acúmulo que a humanidade foi desenvolvendo. Passou por fogo, faca [...] hoje tem um acesso maior à internet, só que não se usa para

um bem coletivo ou para as questões coletivas, então como a gente usa esse acúmulo da humanidade para realizar coisas para um bem coletivo?”⁴

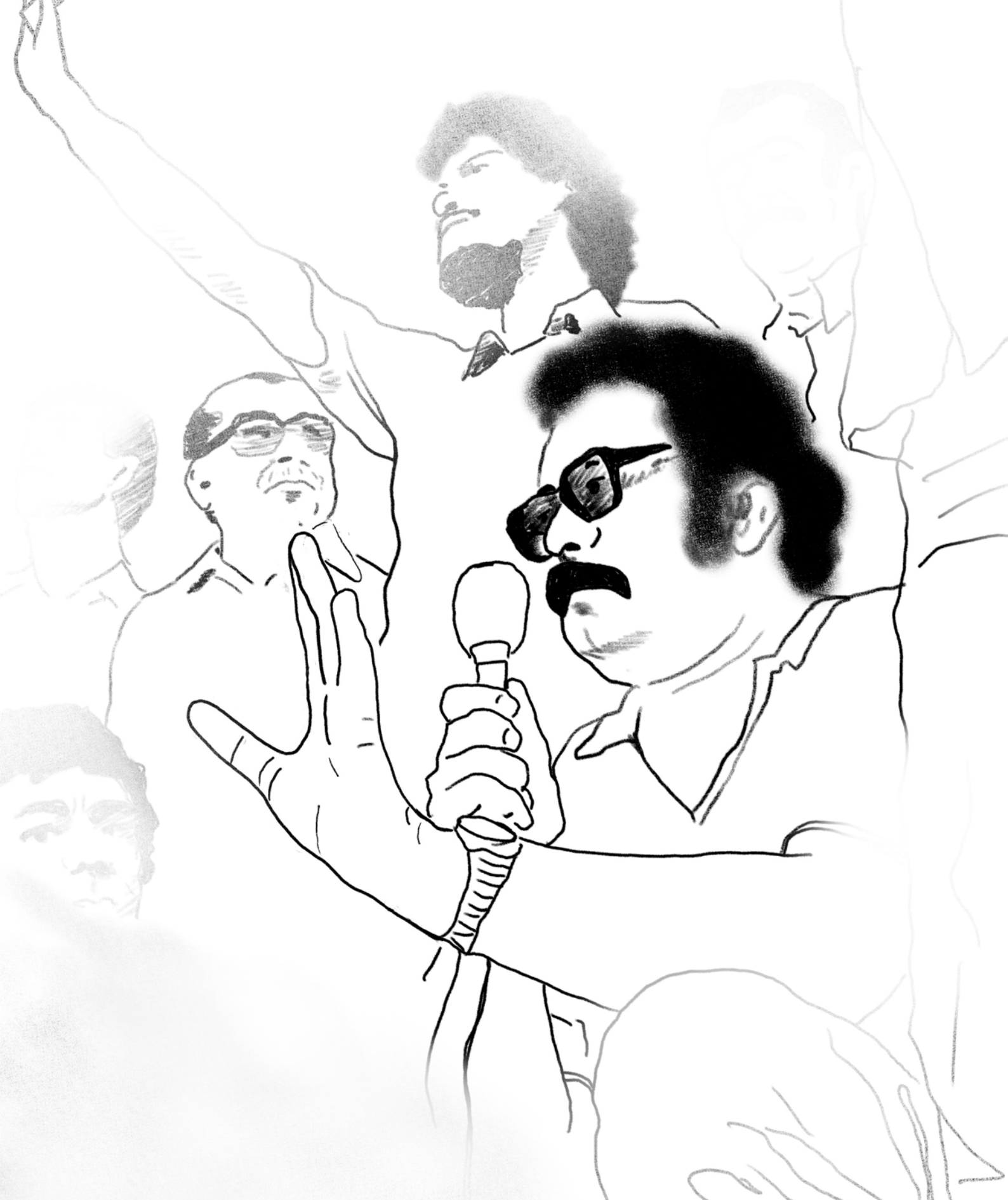
Silva tem uma trajetória de alta relevância não apenas para a Casa, mas para a história da reflexão política e tecnológica brasileira, por isso contamos um pouco de sua história em um texto à parte, depois deste capítulo, a partir da pesquisa realizada por Guilherme Flynn⁵. O que podemos perceber é que a discussão de base sobre tecnologia iria nesse terceiro encontro tanto apoiar o nosso próximo, que também focaria nesse tema, como nos dar o insumo para compreender a prática política aliada e o pensamento sobre tecnologia da Casa dos Meninos. Segundo Silva e Álvaro Vieira Pinto, a concepção do grupo afirma que não pode haver transformação social sem uma profunda apropriação e compreensão da tecnologia. É por isso que oficinas como a de “Criação de páginas web”, “Antenas de wi-fi com latas”, além de “Oficinas gerais de uso de informática” e de “Georreferenciamento” realizadas desde 1999, entre várias outras feitas pela Casa dos Meninos⁵ foram e são tão relevantes; levam à prática o discurso de apropriação das tecnologias. Se elas estão em todos os lugares e acompanham o ser humano desde o princípio, que sejam politizadas em prol de uma concepção anticapitalista de melhoria de mundo em busca de mais igualdade e justiça social – é no que os integrantes da Casa dos Meninos acreditam.

4 *Ibidem*, p. 243.

5 *Ibidem*; Guilherme Flynn Parcionik e Pedro Peixoto Ferreira, “Cleodon Silva e a Casa dos Meninos: mecanologia, do reco-reco à internet”. *Filosofia e Educação*, v. 6, n. 3, 2014, p. 260-300.

Algumas das oficinas e atividades que podemos listar estão descritas abaixo

- **“Oficina de criação” e manutenção de redes *wi-fi* com *software* livre.** Nesse processo, a Casa dos Meninos criou uma rede comunitária de tipo *mesh* (de malha) com algumas antenas espalhadas pelo território, a Rede Base Comum. As oficinas ensinaram dezenas de jovens a instalar *software* livre em roteadores e os conectarem para criar – e manter funcionando – redes *mesh*, que fornecia acesso à internet e a uma grande intranet. Diversos alunos inclusive instalaram nos telhados de suas casas uma antena física ligada à Rede Base Comum.
- **“Georreferenciamento” do local de moradia de todos os alunos da Escola Municipal Procópio Ferreira.** Criada com o objetivo de pensar tanto os pontos físicos da Rede Base Comum como de possuir, e dar para a própria escola, um mapa – que não existe nos sistemas de educação formal. O mapa estabeleceu onde os alunos da escola se distribuem no território e quanto é necessário caminhar para chegar na escola.
- **“Criação de videoaulas” com os professores da Escola Municipal Procópio Ferreira.** O objetivo foi possibilitar que não apenas os alunos, mas também os seus pais e responsáveis tivessem acesso permanente a aulas e conteúdo de reforço escolar. Foram gravadas aulas de português e geografia, por exemplo, que não eram apenas gravações de professores falando, mas produtos pensados para o audiovisual, com mapas, imagens, gráficos e figuras para ilustrar os conteúdos abordados pelos professores.
- **“Viagens com os jovens” para conhecer outras experiências de uso territorial de tecnologias digitais e redes *wi-fi*.** Um exemplo disso foi a viagem com jovens da região para conhecer a Rede Mesh de Marrecas, no Rio de Janeiro.



CLEODON SILVA, UM PIONEIRO

A história de Cleodon Silva se confunde com sua luta política e sua reflexão com tecnologia desde os anos 1960, em Pernambuco (ele nasceu em Garanhuns) e em São Paulo. Já em 1970, começou seu primeiro trabalho com dados públicos, por meio de um concurso da Fundação Instituto de Administração Municipal (Fiam), onde participou no plano plurianual para a cidade de Caruaru (em 1971-72). Atuante na Aliança Libertadora Nacional (ALN), de Carlos Marighella, e militante do Partido Comunista Brasileiro, Silva vai para São Paulo em 1971, onde, já perseguido pela Ditadura, adota o próprio sobrenome como codinome: “Silva é o anonimato assinado. Isso me ajudou bastante”, disse ele a Flynn em sua tese. É neste ano que, trabalhando e militando nas fábricas, vai se aproximando da gestão de processos e do controle de qualidade. Escreve Flynn (2021) em sua tese:

Conta [Silva] que um sócio da Ardea, a empresa onde trabalhava, lhe mostrou um máquina gigantesca que tinham acabado de desligar, pois um processo novo, um simples conta-gotas de plástico, a tinha tornado desnecessária. “Para mim, foi uma aula de produção, do sucateamento das coisas. Uma inovação, a invenção

do conta-gotas, sucateou uma máquina que tinha o tamanho de um quarteirão”, recorda o militante, e complementa: “Quando vi aquela coisa toda, a dinâmica da produção, eu ficava me perguntando quais as informações necessárias e como os trabalhadores iriam dar conta de assumir. Não só a questão do domínio da

*técnica, mas saber a hora que interessa a substituição de uma tecnologia por outra. Como operar tudo isso e tomar decisões políticas que iriam implicar em uma economia, ou impacto no meio ambiente, ou, enfim, todas essas questões que são colocadas. Tinha gente que trabalhava lá há 10 anos e nunca conheceu o outro lado da fábrica. Nem sabe, nem consegue ter na cabeça o fluxo da produção da fábrica em que trabalha”.*¹

Silva trabalhou em diversas metalúrgicas na Grande São Paulo nos anos 1970 e 1980, filiou-se a sindicatos e estreitou sua aproximação com a tecnologia a partir dos computadores, então novidade à época. Em 1988 criou o Lidas (Ligas em Defesa do Ambiente e da Saúde), e passou a trabalhar com mapas e dados públicos – inclusive na Prefeitura de São Paulo, da então prefeita Luiza Erundina, onde fez o georreferenciamento de crianças nas creches usando dados como local de moradia e trabalho do pai e da mãe das crianças, de forma que as crianças pudessem ir de fato para a creche mais conveniente e com o menor deslocamento possível. Conta Flynn:

O sistema ao levar em conta não só moradia, mas também local de trabalho, era muito mais interessante para os trabalhadores no que diz respeito ao trajeto diário na cidade do que sistemas teoricamente mais ‘avançados’ construídos 15 anos depois, que levavam em conta

*exclusivamente o local de moradia ao referenciar uma criança para uma creche*².

Em 1999, Silva é convidado para dar um curso de informática na zona sul de São Paulo, por meio de uma parceria entre o Instituto Lidas e a Casa dos Meninos. Já acompanhando as possibilidades que a internet recém ensaiava no Brasil, solicita computadores melhores e conexão à rede, pensando em compartilhar seu conhecimento de georreferenciamento, tecnologia e luta política com os jovens da região. As oficinas ocorrem e acabam ganhando a direção política da Casa dos Meninos, e é a partir daqui que a Casa passa a ter a configuração que mantém até 2024.

Em junho de 2011, após uma internação por problemas cardíacos, Cleodon Silva morreu, aos 61 anos de idade. Houve homenagens tanto de ex-companheiros do movimento sindical, como de coletivos novos que discutem tecnologias digitais. Macambira, o codinome que Silva usava para fazer cordéis políticos distribuídos em fábricas nos anos 1980, virou o nome do Lab Macambira, em São Carlos, coletivo que já foi Pontão de Cultura no Programa Cultura Viva e que produz código em *software* livre. A plataforma do Cadastro Nacional dos Pontos de Cultura do Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura, que estava em construção em 2012, iria se chamar Plataforma Macambira em homenagem a Cleodon Silva.

1 Guilherme Flynn Paciornik, *Movimentos sociais e tecnologias digitais [recurso eletrônico]*, op. cit., 2021

2 *Ibidem.*

QUARTO ENCONTRO

Centro de Pesquisa e Formação, 28 de julho de 2023

O quarto encontro, segundo sediado no Centro de Pesquisa e Formação do Sesc, teve mais uma vez as discussões sobre tecnologias como cerne. A proposta foi trazer temas debatidos na conversa anterior para problematizar tópicos atuais ligados à discussão – como, por exemplo, o colonialismo de dados – e historicizar as transformações ocorridas nas tecnologias digitais e na internet desde os anos 1990 e sua relação com os movimentos sociais, a cultura digital, a (tecno) política, os processos educacionais e a Casa dos Meninos.

Para isso, trouxemos alguns conceitos trabalhados na área, como a Ideologia Californiana, o conjunto de ideias nascidas no Vale do Silício, na costa oeste dos Estados Unidos, que molda a ascensão das plataformas de redes digitais (*big techs*) a protagonistas do debate público global; a gambiarra, um “faça você mesmo” à brasileira, em que as limitações técnicas são superadas (ou resolvidas, encaminhadas) pela solução criativa diante de situações desafiadoras provocadas, em muitos casos, pela escassez de recursos; e a

tecnodiversidade, uma ideia de ver a tecnologia não como um fenômeno “universal”, neutro e igual em todo lugar, mas particular, dadas as especificidades de cada cosmovisão e as necessidades locais encontradas em diferentes culturas e territórios do planeta.

Começamos o encontro fazendo um resumo do que tínhamos feito até aquele momento, apontando quatro aspectos que davam conta de sistematizar (ou resumir) a discussão feita até ali:

DESCOLONIZAR A TECNOLOGIA

EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

TERRITÓRIO COMO LUGAR DE PENSAMENTO E LUTA

TRILHAS OU CAMINHOS DO QUE E COMO APRENDEMOS

Leonardo: *Milton Santos diz que a principal forma da relação entre a humanidade e o meio natural é dada pela técnica. As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais as sociedades efetivam sua vida, produzem e criam espaço. Este “meio” produz espaço; está submetido a ideologias diferentes. Sabemos: a tecnologia carrega um conjunto de ideias consigo – portanto, está submetida às disputas ideológicas.*

De onde vem esse “meio” que nós todos usamos agora, estas tecnologias digitais que nos circundam e nos

submetem? Vêm de vários lugares, e não conseguiríamos resumir aqui essa longa história. Mas há um pensamento que funciona como um pano de fundo para a criação e a propagação dessas tecnologias, chamado de ideologia californiana. No prefácio à edição do ensaio escrito pelos ingleses Richard Barbrook e Andy Cameron que popularizou este termo¹, eu escrevi assim:

Barbrook e Cameron definiam a tal ideologia como uma improvável mescla das atitudes boêmias e antiautoritárias da contracultura da costa oeste dos

¹ Richard Barbrook e Andy Cameron, *A ideologia californiana: uma crítica ao livre mercado nascido no Vale do Silício*. Intr. Leonardo Foletto. Trad. Marcelo Träsel. União da Vitória/Porto Alegre: Monstro dos Mares/BaixaCultura, 2018.

EUA com o utopismo tecnológico e o liberalismo econômico. Dessa mistura hippie com yuppie nasceria o espírito das empresas .com do Vale do Silício, que passaram a alimentar a ideia de que todos podem ser “hip and rich” – para isso basta acreditar em seu trabalho e ter fé que as novas tecnologias de informação vão emancipar o ser humano, ampliando a liberdade de cada um, e reduzir o poder do Estado burocrático.

Fernando: *Uma ideologia carrega valores; ver esse casal [aponta para a imagem de capa do texto, com dois atores brancos vestidos como salva-vidas, da série californiana dos anos 1990 Baywatch], vocês não veem o que é Califórnia? Eles carregam valores que não são os nossos, não é da Casa dos Meninos. E o que seria a da Casa dos Meninos? Qual foto a representaria?*

O que diz a ideia da ideologia californiana? Que todo mundo pode ser empreendedor. Que as

tecnologias digitais vão emancipar os seres humanos e fazer mais coisas por nós, que cada um pode ter mais liberdade e poder para reduzir o Estado. Por que eles querem reduzir o poder do Estado? Porque eles não precisam, estão trancados e protegidos em condomínios. Vida para eles – representada neste cartaz – é o cara poder morrer afogado e ter que ser salvo. A vida para nós é mais ampla, é lazer, cultura, alimentação, moradia etc. Eles transformam muitos conceitos pequenos em conceitos universais. Quando todo mundo virar californiano, não precisaremos mais de Estados. Fim do Estado, fim da escola pública, fim do SUS. Vamos viver onde? No shopping, no condomínio? Iremos todos para a Califórnia?

Leonardo: *Esse tema remete também ao tecnossolucionismo², a ideia de que um aplicativo vai resolver todos os nossos problemas sem esforço; uma forma de terceirizar os problemas sem precisar lidar com eles de fato. Como diz o bielorusso Morozov, essa*

2 Potencializada pelo bielorusso Evgeny Morozov, em textos como “Solucionismo, a aposta das elites globais”, disponível em: <<https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/solucionismo-nova-aposta-das-elites-globais/>>, acesso em: 5 ago. 2024, e no livro *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu, 2018.

ideia “sustenta que como não há alternativas (ou tempo, ou dinheiro); o melhor que podemos fazer é colocar curativos digitais sobre os danos. Os solucionistas implantam tecnologia para evitar a política; defendem medidas ‘pós-ideológicas’ que mantêm girando as engrenagens do capitalismo global”.

Na época da propagação da Ideologia Californiana, início dos anos 1990, essa ideia privada e corporativa de internet já era criticada pelo Barbrook e Cameron, dizendo que ela poderia possibilitar uma fragmentação da sociedade e criar muito mais desigualdade racial e social. Era a ideia, muito comum à época e até hoje, de que a internet, e as tecnologias digitais, resolveriam todos os nossos problemas. Será que mais tecnologias não podem construir mais desigualdades social e racial? Como Barbrook e Cameron³ dizem no ensaio:

Os moradores de áreas pobres da cidade podem ser excluídos dos novos serviços online por falta de dinheiro. Em contraste, yuppies e seus filhos podem brincar de ser

ciberpunks em um mundo virtual sem ter de encontrar qualquer de seus vizinhos empobrecidos.

Hoje, 28 anos depois, isso está mais claro do que nunca: a internet trouxe muitos problemas novos e resolveu apenas parte dos antigos.

Outro tema importante hoje é o chamado colonialismo digital, que é a expansão do projeto colonial também a partir das tecnologias digitais. No livro Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana, Deivison Faustino e Walter Lippold apontam diversos aspectos de como o racismo também tem sido utilizado para perpetuar as hierarquias globais em prol de oligopólios neoliberais ligados às tecnologias. Há diversas consequências desse processo, que são também ambientais – os minérios necessários para as tecnologias digitais que são extraídos do sul global, por exemplo –, até políticas e econômicas, como o fluxo de dados sul-norte e a produção de valor a partir desses dados por empresas principalmente dos Estados Unidos, da China e da Europa.

3 BARBROOK e CAMERON. Apud FOLETTO, Leonardo. A Ideologia Californiana - Introdução. disponível em < https://pt.m.wikisource.org/wiki/A_Ideologia_Californiana/Introdu%C3%A7%C3%A3o > Acesso em 27/08/2024.

Diversas reflexões podem ser feitas a partir daí, entre elas: qual é o padrão das tecnologias hoje? Quem construiu esse padrão? A quem servem as tecnologias? Para onde estão indo os valores extraídos pelos dados? Frantz Fanon (1925-1961), médico e filósofo nascido na Martinica e um dos maiores intelectuais que já pensaram o racismo até hoje, lembra que o racismo não se expressa apenas nas ofensas abertamente violentas ou estereotipadas, mas sobretudo na suposta universalização dos referenciais particulares europeus. “Uma espécie de identitarismo branco permite ao pensamento crítico se supor radical sem, contudo, enfrentar as dimensões raciais da exploração de classe.”⁴

Daiane: *Nós, na Casa dos Meninos, já tentamos fazer algumas atividades que buscavam relacionar as intencionalidades das tecnologias; elas não são neutras, têm intencionalidades. Sempre me lembro de uma história sobre uma ponte, em Nova York, que foi construída num tamanho e numa altura específica que dava acesso a diversos locais bonitos da cidade. Mas ela foi*

construída com uma altura em que os ônibus não conseguiam passar, só carros. O arquiteto que construiu essa ponte planejou que ônibus não passasse? Aliás, quem projetou? Quem está projetando “próteses” como essa ponte?

Na faculdade que fiz (Geografia), falavam que algumas leituras de mundo são feitas de historicidade; os eventos vão acontecendo e nós vamos contando a história. Assim, se lê parte do processo histórico como próteses; essa ponte conta uma história, de como esse lugar vai ser daqui pra frente, inclusive se eu não consigo mais acessar esse local.

Tecnologias são conformadas dentro de uma relação social, mas também conformam relações sociais. Elas têm uma forma de circular no espaço e conformar este espaço. O que o celular pode estar fazendo hoje com as pessoas? Qual o impacto do celular, por exemplo, nas nossas relações?

Leonardo: *Agora, passamos para outro ponto, que é a discussão sobre gambiarra. Todo mundo sabe o que é gambiarra, certo? Para usarmos*

4 Deivison Faustino e Walter Lippold, *Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana*. São Paulo: Boitempo, 2023, p. 173.

um conceito, podemos afirmar que ela é um processo racional de criação de novos projetos, produtos e ações, baseado em características identificadas aos brasileiros, como o improviso e a mestiçagem. Como era o pressuposto de Oswald de Andrade, “só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago”⁵. Há um conceito acadêmico também: prática cotidiana de solucionar um problema ou de reparar de forma improvisada e ágil um objeto que não “funciona bem”; “um modo de produzir e usar tecnologias, objetos, serviços que não poderiam ser adquiridos ou comprados”⁶. É uma ideia de um “faça-você-mesmo à brasileira”, em que limitações técnicas são superadas pela solução criativa diante de situações desafiadoras.

Silvia: *Esta história da gambiarra me fez pensar aqui. Dá impressão de que toda pessoa pobre tem que se virar nos 30 para fazer as coisas funcionarem. Essa história de que por eu não ter uma grana para comprar um novo eu vou fazer uma gambiarra aqui é verídica, mas tem outro lado*

que é a da sustentabilidade; se eu tiver grana e eu for dispensando as coisas sempre, jogando “fora”, o planeta não vai aguentar. Tem a criatividade da superação, tudo bem, mas nós precisamos ter consciência de não ficar só no descarte, porque se for assim, o planeta não vai aguentar, e não existe “fora”.

Lá na Casa dos Meninos, a gente vivenciou isso muito na pele, próximo da gente. No nosso terreno, alguns troncos caíram numa ventania grande. De início nós não sabíamos muito bem o que fazer com aquilo, mas aí resolvemos cercar a horta com eles, utilizando os troncos no mesmo terreno onde eles caíram. Outro exemplo: a gente ia ter uma feira de troca e resolveu pendurar os troncos; ficou lindo! Gosto da criatividade do menos favorecido poder buscar soluções alternativas, porque isso é característica da classe operária e trabalhadora, que tem que investir nesse desafio para poder sobreviver.

Galeano: *O coletivo Gambiologia⁷, lá de Minas Gerais, fala na gambiarra*

5 Oswald de Andrade, *A utopia antropofágica*. 2. ed. São Paulo: Globo, 1995.

6 Fernanda Bruno, “Objetos técnicos sem pudor: gambiarra e tecnicidade”. Revista *ECO-Pós*, v. 20, n. 1. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

7 Gambiologia – Arte, design, tecnologia, invenção, reuso, educação, com sotaque tupiniquim. Site: <<https://www.gambiologia.net/blog/>>.

como uma ciência imprecisa. O mundo moderno, como foi colocado pra gente, ele é todo dividido, esquadrinhado. Quando a gente pega uma árvore e fala “ah, isso eu deveria botar aqui ou jogar fora”; quando eu dou outro uso para uma coisa, uma garrafa que vira um vaso; ou seja, eu mesmo tenho um problema e vou solucionar, isso é fugir de uma exatidão de mundo que veio de um padrão. O mundo moderno é tal qual a ideologia californiana, que nos coloca um modo como o único de pensar as coisas, de fazer as coisas, único de utilizar essas coisas. O que vocês falam é da possibilidade de misturar, ou pensar a partir de uma suposta imprecisão, entendendo que não é assim certinho que as coisas se encaixam, existe ali uma possibilidade da gente remanejar, usar diferente, dizermos juntos que nós não somos bloquinhos colocados do lado do outro, estamos nos ajeitando juntos para ver como dá jogo.

Isso tem a ver com dimensão de classe e também dimensão de mundo; o modo de ver o mundo tem a ver como cada classe se coloca nele; é comum que os “menos favorecidos”, como você colocou, façam mais gambiarras, porque eles entendem que o mundo é mais múltiplo e menos supérfluo. É como se dissessem: “A gente é polivalente, está lá cuidando da horta,

mas tá comprando coisa, limpando etc., fazendo um monte de coisa, e isso é um modo menos padronizador e quadradinho de ver o mundo”.

Leonardo: Por fim, gente, vamos falar um pouco do último conceito de hoje: tecnodiversidade. É uma ideia que pensa a tecnologia não apenas como um fenômeno “universal”, mas particular a cada visão de mundo (ou cosmovisão). É um conceito que tem sido popularizado por um filósofo de Hong Kong chamado Yuk Hui e que nos clama olhar para várias comunidades ao redor do mundo e entender de que forma as pessoas pensam, nomeiam e trabalham com as tecnologias, inclusive para nos rebelar contra a ideia que nos é imposta pelo norte global, branco e eurocêntrico, sobre o que é e o que deve ser tecnologia. É uma ideia que pensa em pluralismo tecnológico, em não apenas incorporar uma visão de mundo sobre tecnologia, mas diferentes visões; como podemos colocar a nossa concepção de mundo nas tecnologias que nos rodeiam, e não apenas importar esta visão consagrada, por exemplo, pela ideologia californiana?

Sabemos que é difícil pensar e fazer isso hoje, porque exige bastantes recursos, precisa de muito dinheiro para conseguir fazer uma rede social enorme como o Facebook, por

exemplo. Mas, mesmo sendo difícil, quicá utópico, será que ainda assim não conseguimos construir uma tecnologia a partir da nossa forma de ver o mundo? Deivison e Walter, em Colonialismo digital, falam muito de exemplos que estão tentando produzir tecnologias a partir do sul global, não apenas hacklabs, como perilabs, como eles comentam no livro e que talvez a Casa dos Meninos possa ser, se já não é. Fortalecimento de laboratórios de periferia, clubes hacker, clubes de ciência populares, mobilizações pelo

breque dos entregadores uberizados, cooperativismo de plataforma – a ideia de construir plataformas digitais que possam ser geridas pelos próprios trabalhadores; as redes livres e mesh, que vocês conhecem bem. Tudo isso pensando em formas que não sejam exploratórias e coloniais, mas mais afeitas a valores como a justiça social, igualdade, antirracismo, entre outros, que sejam nossos, em metodologias como as rodas, os jogos e outras encontradas em nossas comunidades.

Daiane: *A palavra tecnodiversidade me lembrou da história de uma professora de matemática que queria construir uma forma de ensinar que não fosse por uma visão eurocêntrica, principalmente na educação infantil. Porque, quando a gente vai ensinar geometria, por exemplo, tem um padrão de ensino que nos foi ensinado e que é distante. Quando a professora começou a pensar em como de ensinar matemática de uma forma que não fosse necessariamente desse jeito, ela ouviu de um professor dela para falar de “etnomatemática”. Aí ela pensou: “De novo: aquilo que é pobre, preto, mulher e LGBTQI+ é diverso”. Por que étnico, etno, diversidade está só no outro?*



Galeano: *É o problema da branquitude, que coloca o nome de “outro” porque acha que o seu é a referência.*

Daiane: *Essa palavra, tecnodiversidade, me lembrou dessa história porque me trouxe um mesmo incômodo que à professora quando ouviu do seu professor: “Vai estudar etnomatemática⁸ que lá você vai encontrar o que você queria falar”. Na verdade, a professora queria estudar as tranças de cabelo na matemática, porque há uma forma de calcular para fazer as tranças em diferentes formatos. A discussão que ela quis fazer é de que o europeu também é étnico; ele tem uma etnia, assim como também tem uma ideologia.*

Lilian: *Acho que esse é um problema filosófico bem interessante. Quando a gente usa a palavra diversidade, especialmente nesse caso de currículo como você está trazendo, cria-se uma luta para que o currículo seja*

efetivamente mais diverso. Que os conhecimentos de diferentes comunidades, que historicamente foram apagados, emergem ali no currículo para dialogar com a diversidade que também tem no Brasil. Sem essa diversidade – vou usar essa palavra aqui porque não tem outra, por enquanto – acontecem muitos desencontros nas escolas públicas, porque estamos falando de comunidades que não se veem representadas ali. Estamos num momento histórico de brigar para que determinadas etnias e comunidades sejam contempladas de fato nessa “diversidade”.

Do mesmo modo que estamos falando que a tecnologia não é neutra, o conhecimento também não é; ele é situado, tem condições e sujeitos de produção. A ideia não é jogar fora todo o conhecimento “europeu” – que nem é muito europeu, tem trocas árabes e africanas que foram apagadas, por exemplo –, mas situá-lo; ele foi produzido de tal maneira, sob estas condições.

8 Etnomatemática supõe, por exemplo, a valorização e estudo das geometrias africanas, cujos distintos povos, como os sonas ou os egípcios, têm geometrias diferentes daquelas de Tales e Pitágoras, às quais nossa imaginação fica restrita. Vale o mesmo para os estudos etnomatemáticos das geometrias dos povos marajoara ou dos incas e astecas.



QUINTO ENCONTRO

Casa dos Meninos, 11 de agosto de 2023

No quinto encontro, voltamos à Casa dos Meninos, com temática e processo já definidos, indicados e organizados por todos no intervalo entre o quarto e o quinto encontro. Neste dia, a temática escolhida foi o território, central no pensamento e nas práticas na Casa dos Meninos.

O encontro foi dividido em dois momentos. No primeiro, tivemos um exercício de deriva e mapeamento do território, pensado e ministrado pela Casa dos Meninos, que levou a todos para andar e olhar, com atenção, a quadra em frente à Casa dos Meninos, entre as avenidas Fim de Semana e Jacobus Baldi e as ruas Borromini e Yoshimara Minamoto. No segundo momento, escrevemos sobre território e aprendizado, para tensionar a estruturação moderna que separa cultura e natureza a partir da com-

preensão da ideia de território como meio constitutivo feito do adensamento de camadas e experiências simbólicas no espaço. Assim, registramos em textos e em imagens o modo de estar e de ser nesse território, e como ele está relacionado com o modo como pensamos, construímos e nos relacionamos. Verificamos, assim, por que o território é tão importante para as lutas contemporâneas, como aquelas que são operadas pela Casa dos Meninos.

Galeano: *O que percebemos ao olhar aquilo que está à nossa volta? Como nosso olhar configura e reconfigura o lugar onde vivemos, aprendemos, convivemos? O que é território de aprendizagem? Que caminho fazemos ao aprender?*

Hoje nosso encontro é sobre territórios e vamos conversar a partir dessa ideia, que é central nas práticas e firmamentos da Casa dos Meninos. Para começar, vale dizer que territórios de aprendizagem são espaços ao ar livre geradores de conhecimento e experiências. Neles, os sujeitos brincam, interagem, refletem, plantam e registram seus significados, criam processos, convivem, são ameaçados, ensinam e aprendem movimentando-se objetiva e subjetivamente. Então fica a pergunta: Qual é o nosso território aqui na Casa dos Meninos?

Daiane: *Eu estudei geografia na faculdade e a primeira coisa que aprendi é que território é poder. Na Casa dos Meninos, trabalhamos com a questão do território como uma metodologia para pensar a informação. Quando vemos um site de internet pouco ou nada se tem de informações relacionadas ao nosso território. Por outro lado, quando a gente chega na Casa dos Meninos,*

precisamos criar informações para poder falar sobre ele, para tratar do território junto com a comunidade, com a escola, com o movimento social.

Nessa perspectiva, que o Silva trazia e nós continuamos, pra gente mudar ou repensar o nosso território, é necessário pensar em formação que seja localizada no nosso contexto, o que significa produzir e organizar informações para que a população tenha acesso e possa usar, se informar e reivindicar o que deseja de uma maneira concreta e efetiva. A Casa dos Meninos vem trabalhando ao longo dos anos em construir metodologias para trabalhar a informação. A partir dessa experiência é que podemos dizer que o melhor lugar para trabalhar informação é no território. Só que não é qualquer um; é importante saber do mundo e do Brasil, ainda que onde a gente consiga atuar mesmo seja no nosso território próximo. Se cada um conseguir mudar um pedacinho do território, a gente consegue mudar o mundo. Esse é o nosso pensamento: atuar localmente fazendo reverberar as atuações.

A gente está vendo aqui o mapa de São Paulo e sua divisão por distritos.

São 96 distritos. E depois têm as subprefeituras. O que quero dizer é que, para construir e pensar um território, temos que estar muito próximo da nossa realidade. E, por mais que essas áreas já delimitadas sejam importantes, elas são muito grandes pra gente e pra nossa possibilidade de atuação. Aqui no Jardim São Luís, que é onde está a Casa dos Meninos, tem mais de 200 mil pessoas pelo último censo. Ele é muito grande, então a gente não circula no distrito do Jardim São Luís todo. Eu quero chegar na parte que mais nos interessa. O Estado usa muito essas áreas delimitadas, mas para a população comum o território é o bairro. E o bairro tem um problema: não tem começo nem fim. Cada carta que chega nas nossas casas é com um bairro diferente. Aqui na Casa dos Meninos essa questão do bairro não ter delimitação definida é de propósito. Porque para colher informação, é preciso saber o lugar em que a gente está e é aí que está o problema. Para colher informação, a gente precisa construir e pensar áreas menores, em que a gente circula todo dia, e a partir daí a gente consegue pensar o que precisa realmente para aquele lugar (creche, escola e outras coisas mais). Então a ideia é pensar a delimitação territorial, utilizar as

informações oficiais (o que tem de mais “científico” hoje é o censo) e contrapor essas informações com as informações que temos no território para aí pensar e problematizar os processos e a concepção de bairro com o que precisa ser feito nele.

A Casa dos Meninos vem trabalhando com a noção de território a partir da concepção das áreas de Saúde da UBS (Unidade Básica de Saúde) pois é a partir dela que as pessoas se reconhecem e se identificam. Ali tem todas as informações e é com ela que fazemos reflexões externas à Casa dos Meninos e pensamos o território. Então a gente cruza as informações oficiais com as informações que a gente coleta no território – aí dialoga com a população e, ao mesmo tempo, reivindica coisas. Isso é um aprendizado para pensar de forma concreta o território.

Nossa ideia agora é fazer um exercício prático que mostra o nosso jeito de trabalhar e caminhar pelo território, pelo entorno da Casa dos Meninos.

Fátima: *A saída a campo é sempre um processo contínuo de aprendizado, de aguçar o olhar para informações quantitativas e qualitativas, em várias dimensões.*

Múltiplas vozes não identificadas: *discussão do processo do exercício que foi a saída a campo para mapeamento. Tem um conto de que falamos em um dos encontros passados, escrito pelo Eduardo Galeano, que vale ser retomado e lido inteiro.*

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava à frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E, quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: Me ajuda a olhar!

Esse conto tem a ver com uma ideia de Paulo Freire e da relação entre leitura de mundo e leitura da palavra. Vamos ler conjuntamente este outro trecho:

O que quero dizer é o seguinte: não posso, de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E que isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura de mundo” que precede sempre a “leitura da palavra”.¹

¹ Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz & Terra, 1996. p. 81.

Renan: *A leitura da palavra vem depois da leitura do mundo e ambas acabam se relacionando. Vemos isso na Casa dos Meninos.*

Pesquisadores: *O mestre quilombola Nêgo Bispo nos ensinou que:*

aprender é uma pergunta permanente e uma vivência que vai nos acomodando e nos movendo para alguns lugares. A gente aprende mesmo quando o saber não é mercadoria e que quando compartilhamos o saber só cresce, como as águas que confluenciam, pois quando um rio se encontra com outro rio ele não deixa de ser um rio, mas se torna um rio ainda maior. Quanto mais você ensina, mais você aprende¹.

Na Casa dos Meninos percebemos muito isso nas práticas do território, pois há uma movimentação contínua, que só cresce, de luta coletiva, de e como aprendizado, para um território comum, melhor, para a população que nele vive, e isso faz com que o sentido de comunidade e as alianças só cresçam e se multipliquem. É um pensamento ecossistêmico.

Nêgo Bispo ainda fala que “chegamos aos habitantes, em qualquer ambiente, e vamos nos transformando em compartilhantes”².

Para ele é importante a questão do território e de ser constituinte do e no território. Não é um ser no sentido de ser pertencente, mas um ser no sentido de estar realmente integrante ao território, compondo e sendo composto nele. Nêgo Bispo fala de um pensamento orgânico que está integrado e é integrante do local que é produzido através das vivências e experiências no território. Esse tipo de saber se dá em oposição ou em contraponto ao saber sintético, que é a mercadoria. O que vocês fazem aqui é saber orgânico de modo integrado ao território, acertando e errando, sobretudo fazendo junto, aprendendo junto, tentando junto, ou seja, efetivamente integrado no território.

Assim, podemos entender que a prática da Casa é também ir a campo, mapear, cartografar e mensurar o território para produzir informações que são feitas de ferramentas para lutas compartilhadas pela população, em favor de uma melhora da vida para todos.

1 Antônio Bispo dos Santos, *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, 2023.

2 *Ibidem*.

Nesse processo há uma caminhada realizada e um caminho que se faz. E nesse caminho há muito de aprendizagem, pois o território recebe as camadas sociais, as histórias e nossas experiências. Quando é ativado, o território se torna usado. E, quando dizemos território usado, estamos diretamente ligados a uma ideia, um conceito, do geógrafo Milton Santos. Ele nos ensina que:

O território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado. Mesmo a análise da fluidez posta a serviço da competitividade, que hoje rege as relações econômicas, passa por aí. De um lado, temos uma fluidez virtual, oferecida por objetos criados para facilitar essa fluidez e que são, cada vez mais, objetos técnicos. Mas os objetos não nos dão senão uma fluidez virtual, porque a real vem das ações humanas, que são cada vez mais ações informadas, ações normatizadas.³

Para além de pesquisar e analisar os dados censitários, é importante caminhar pelo bairro, que é o que a Casa dos Meninos faz em suas ações. Milton Santos segue nos ensinando que

O território não é apenas um conjunto de formas naturais, mas um conjunto de sistemas naturais e artificiais, junto com as pessoas, as instituições e as empresas que abriga, não importa o seu poder. O território deve ser considerado em suas divisões jurídico-políticas, suas heranças históricas e seu atual conteúdo econômico, financeiro, fiscal e normativo. É desse modo que ele constitui, pelos lugares, aquele quadro da vida social onde tudo é interdependente, levando, também, à fusão entre o local, o global invasor e o nacional sem defesa (no caso do Brasil).⁴

A ideia de território usado é muito cara para as práticas e metodologia compartilhadas aqui. O geógrafo que a conceitua explica:

3 Milton Santos, *Da totalidade ao lugar*. 1. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. p. 138

4 *Idem*, *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. Org., apr. e notas de Wagner Costa Ribeiro. São Paulo: Publifolha, 2002, p. 84.

O território usado constitui-se como um todo complexo onde se tece uma trama de relações complementares e conflitantes. Daí o vigor do conceito, convidando a pensar processualmente as relações estabelecidas entre o lugar, a formação socioespacial e o mundo[...]. O território usado, visto como uma totalidade, é um campo privilegiado para a análise na medida em que, de um lado, nos revela a estrutura global da sociedade e, de outro lado, a própria complexidade do seu uso.⁵

Nesse processo o geógrafo produz a distinção entre território como abrigo e território como recurso, fazendo-nos entender que a relação que vocês têm e produzem aqui não se trata de um espaço que é um lugar de recurso a ser explorado, mas de um lugar que é repleto de sentidos, experiências, histórias, ancestralidades, sabedorias... um lugar de habitação, na medida em que, para ele os sujeitos hegemonzados (que aqui podemos chamar de população) a todo momento agem modificando e recriando estratégias e métodos a fim de sobreviver e viver melhor nele.

Por isso, para nós, aqui na Casa dos Meninos falar de território é falar de cultura na medida em que ambos “são similares” e constituintes da identidade, dos valores e das práticas cotidianas das pessoas da Casa. Novamente podemos referenciar Milton Santos, que fala precisamente desse sentido de território usado ao associar o espaço (o chão, a água, o ar...) às questões sociais nele produzidas (identidades) como metodologia daquilo que é realizado. Ele diz:

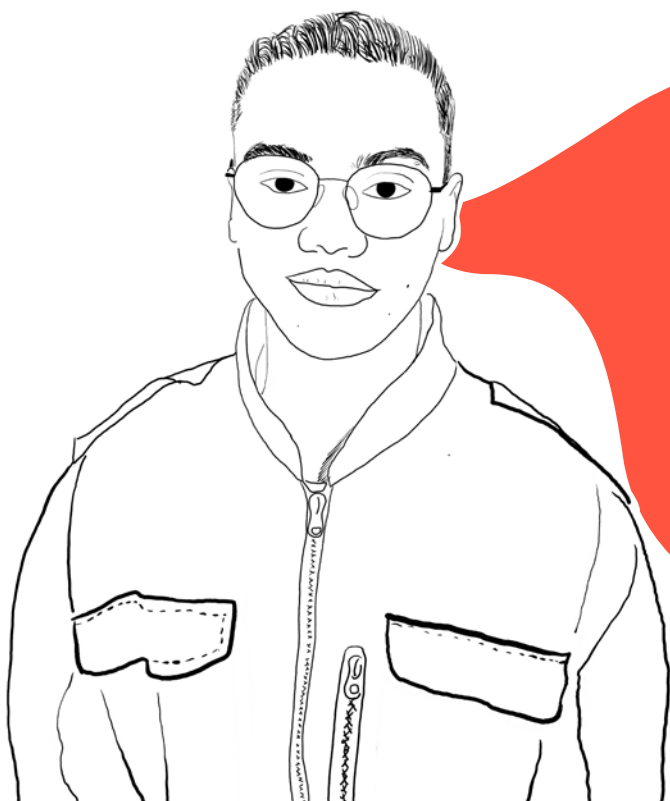
O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.⁶

5 *Idem, O espaço do cidadão. São Paulo: Nobel, 2000, p. 3 e 12.*

6 *Idem et al., Território e territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 14.*

Neste contexto, propor como similaridade território usado e cultura reforça a ideia de lugar proposta por Milton Santos. Pensar esse lugar é vê-lo como o espaço do acontecer solidário que pressupõe coexistências. Quando falamos de solidariedades, falamos das práticas relacionais que acabam por definir o que é feito no território (no sentido de produção) e nos valores aqui propagados, nos múltiplos sentidos de natureza, que envolve a intersecção entre questões culturais, antropológicas, econômicas, sociais, estruturais, financeiras, entre tantas outras que afirmam o sentido de relação e de comunidade que está em constante processo de aprendizagem tal qual vemos acontecer aqui.

Galeano: *Pensando em tudo isso, propomos agora fazer um exercício de escrita sobre o território. E escrever sobre o território não é descrevê-lo, não é somente descrever a paisagem, mas escrever a partir dela, sobre ela, com ela. Por vezes escrevemos sobre algo de uma forma figurada, poética, usando às vezes rimas, uma história figurada ou mesmo escrevemos tal qual “vemos”. Fiquem à vontade para escrever como desejarem. A gente tem um tempinho para escrever sobre a paisagem do território. Para ajudar e fomentar o exercício de pesquisa, temos uma provocação que é: escreva sobre a paisagem que vemos neste território.*



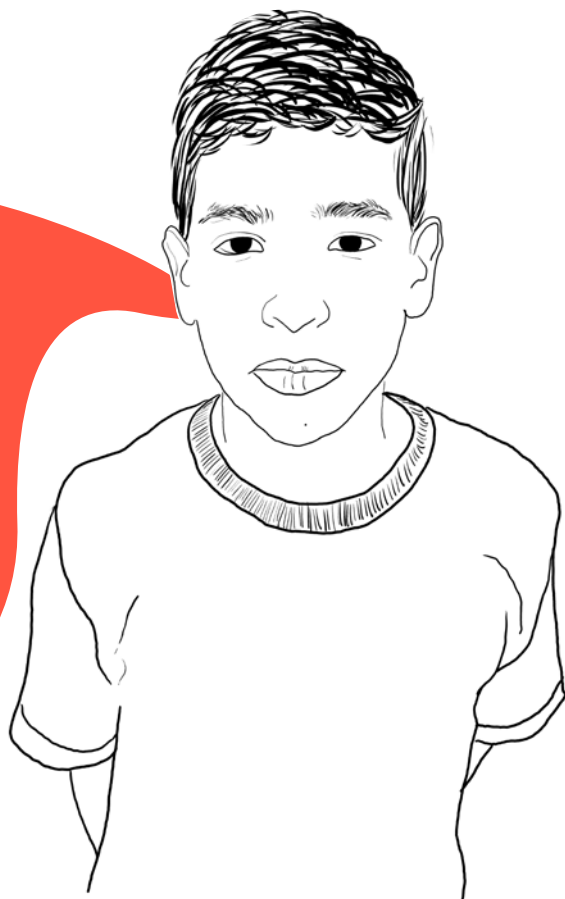
Juan: *Eu acho que a paisagem do nosso território tem seu charme. Não é tudo aquilo, mas também não há do que reclamar.*

Nas ruas do Jardim São Luís a beleza reluz, paisagem que encanta, natureza seduz, entre prédios e verde, um cenário singular. São Paulo pulsa aqui, em cada olhar o brilhar.



Ewerton Kaique: *São paisagens bem legais, porque ao ver as imagens eu lembrei e desbloqueei memórias e lembranças.*

Julio Cesar: *Não sou de falar de perspectiva, e sim mais de expectativa, ou seja, vou falar de uma possibilidade do nosso território sem excesso de defeitos. Poderíamos ter um território do qual a gente tenha um bom orgulho de falar, como ruas sem cabos em excesso, animais abandonados (entre outros). Enfim, este é o nosso território.*





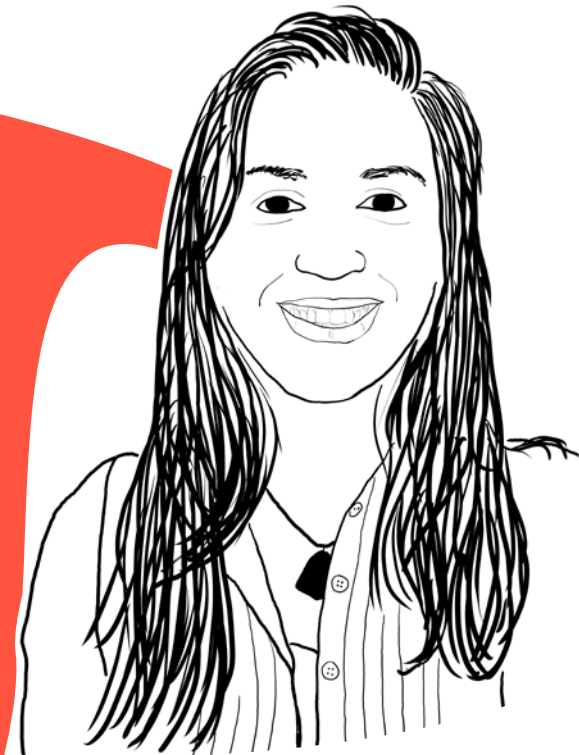
Isabella Oliveira:

*Um portão.
Várias casas.
Muitas realidades.
Muitas histórias.*

Luana: *A paisagem deste território, para mim, é feita de pessoas indo e vindo nas ruas dos bairros, com volume maior de pessoas pela manhã e depois no fim do dia, em que muitos estão indo e vindo de trabalhos ou indo para algum lugar.*

Vejo nosso território muito cinza; andando na rua sinto falta de estruturas educativas, acessíveis ou de usos mais coletivos. Vejo tudo muito individualizado, portões cada vez mais fechados, e diálogos mais reduzidos.

Porém, temos também a energia de um bairro. Com o passar do tempo, se continuar morando aqui, saberá quem é quem, e com isso dar muitos “ois” pela rua. Em nosso território sinto falta de atividades culturais que possam nos unir em comunhão de pensamentos e ações.





Kevin: *Um lugar que me deixa feliz. Sempre estou com meus amigos e isso faz várias resenhas e histórias para a vida inteira.*

Alice: *Para mim é tudo o que minha vista pode alcançar, tanto faz se verdes árvores, casas, quadros, ruas, comércio, igrejas. As ruas com calçadas altas e baixas. Muito entulho nas calçadas e muitos carros nas ruas. Mas temos no território muitas coisas boas também.*



Maria: *Escrever sobre o bairro onde moro me faz lembrar de momentos tristes e alegres. Antes era muito esquisito, pois era deserto; nem asfalto, água da Sabesp, as escolas eram distantes. Usávamos água de poço e ruas desertas. Os tempos passaram e tudo mudou. Hoje temos escolas, hospital, creches, supermercados, ônibus, igrejas. Apesar da rua em que moro principalmente nos fins de semana, ter barulho da vizinhança, gosto de onde moro.*

Helena: *Aquilo que meus olhos enxergam é tudo o que eu escolhi, aquele olhar que me toca é aquilo que em meio a tanta confusão, escuridão e medo o céu brilha, as folhas crescem, o território cria cor.*

No meu território eu vejo beleza, aquela difícil de enxergar.

Nas ruas eu vejo sonhos que se iniciam, sonhos que terminam, lágrimas que escorrem com o sabor de felicidade que só aqueles com a vontade de enxergar podem ver.

O coração sai da boca ao ver aquele cão sendo resgatado, aquele gato recebendo carinho, o alimento que é doado, o feijão que é emprestado. Sabe aquela preocupação que tem amor, a falta de ar que o peito se enche de risada? É o que enxergo em meu território.

Nem um real paga aquilo que eu vejo, as cores que eu enxergo só aqui têm cor; para enxergar e experimentar essa beleza, é só sentir a beleza, pois em todo canto tem beleza: não há um lugar em que não haja aquele tremor de prazer em ver e estar naquele lugar.

Galeano: *A ideia é fotografar com a retina e não com as lentes da câmera, tal qual fizemos ao ir a campo fazer o*

exercício. Lembrando que são muitas as paisagens e que cada um tem a sua. Ainda lembro que, para uma historiadora colonial que vive na europa chamada Anne Cauquelin, uma possível origem do conceito de paisagem começou quando a gente passou a construir casas e com isso a pensar a ideia de dentro e de fora, olhando a partir das portas e janelas. De dentro da casa passamos a ver as coisas através de enquadramentos como, por exemplo, aquele das janelas, e através desses enquadramentos percebemos aqui que chamamos tecnicamente de perspectiva (que tem linha de fuga, onde as linhas convergem, facilitando a representação), mas que aqui podemos entender como modo da gente ver as coisas, o mundo, o território. Ou seja, o que quero dizer é que existem várias formas de pensar a paisagem. Bem, pensemos... estamos dentro da Casa dos Meninos e temos, aqui nesta sala dentro da Casa, janelas, e a partir delas olhamos a paisagem do Jardim São Luís. Vamos aproveitar isso junto com o exercício de pesquisa que já fizemos para escrever. Para ajudar e fomentar, temos uma provocação que é: escreva alguma história sobre sua experiência de aprendizado no território.

Isabella Oliveira: *Há uma semana, comecei a frequentar a Casa dos Meninos e já tive algumas*

experiências, todas muito legais. Ao lado da Casa dos Meninos, no mesmo muro, tem uma fábrica de bolos e, quando eles estão assando, o aroma exala pra cá, no espaço todo. Já na segunda vez que vim à Casa, aprendi a usar uma furadeira, algo que me trouxe nostalgia da minha infância vendo meu avô utilizando algumas ferramentas.

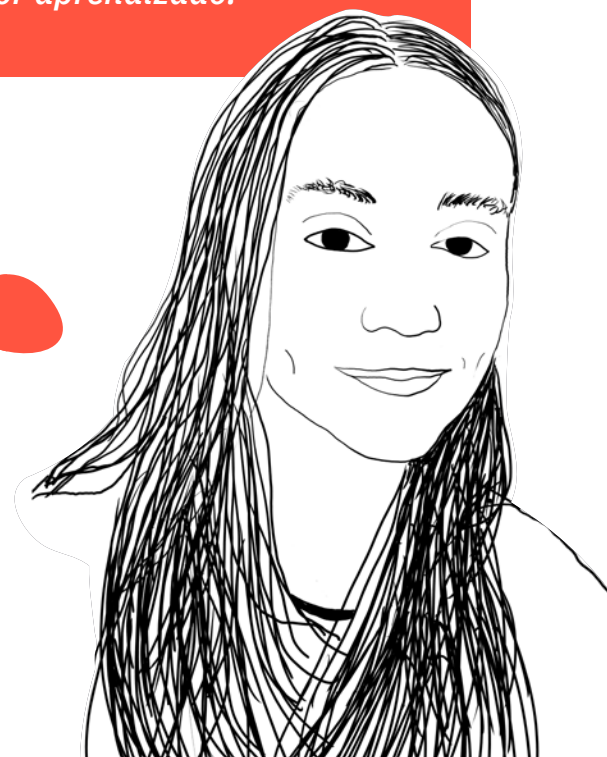
Kevin: *Aqui no território eu aprendi a compartilhar conhecimento e a receber conhecimento.*

Ewerton Kaique: *Na Casa dos Meninos, tive uma experiência bem legal! Descobri e aprendi coisas que eu não sabia. Por exemplo: não sabia como cuidar de uma horta. Aqui no território aprendi também a mexer no computador.*

Silvia: *Minha experiência de aprendizado no território é uma busca incessante. Desde que cheguei na Casa dos Meninos meu olhar ficou mais “apurado”. Aprendi a buscar o “porquê” das coisas, a questionar as políticas e os políticos.*

Passei a ser uma pessoa mais crítica com relação às coisas que nos são oferecidas ou não pelo poder público. Passei a entender melhor o porquê dos diversos comportamentos das pessoas da comunidade ainda que eu não os aprove. Meu aprendizado ainda não acabou, aliás, tenho muito a aprender e aprender.

Não domino certas técnicas que muitas vezes usamos aqui na Casa, mas já sei para que servem; e disso, também, há um processo de busca por aprendizado.



Daiane: A paisagem do território da Casa dos Meninos é complexa. Parte dessa complexidade é porque percebo a desigualdade social. Também percebo a falta de árvores, casas muito juntas, falta de calçada, lixo na rua, por exemplo.

A outra parte dessa complexidade é que por vezes percebo um entardecer muito bonito.

A paisagem está sempre mudando, por vezes consigo ver a luta por uma creche ser representativa de uma mudança na paisagem.

No geral, não acho a paisagem das periferias bonita, pois, como disse, demonstram uma desigualdade.

A experiência da Casa me fez perceber o território de forma diferente; antes, as ruas eram quase vistas por mim de forma automática. Depois, ao analisar o território de forma objetiva e subjetiva, fui aprendendo e conseguindo perceber outras nuances. Isso se deu através da metodologia de análise territorial como forma de transformação social.

Vi e vejo o território como potência possível para mudanças concretas.

Aprendi também que no próprio território emerge uma quantidade de informações importantes que podem ser utilizadas para (re)construção de afeto, de solidariedade e de colaboração.

Renan: Um dia estava conversando com um amigo sobre uma parada da

polícia que levei.

E perguntei para ele se ele já foi parado pela polícia e ele falou que não. Isso me ensinou que de repente, de onde eu estiver, eu posso ser julgado pelo jeito que me visto ou pela minha cor.

Helena: No meu território, eu aprendi que preciso lutar para conquistar algo. Aprendi a ter vontade e ir atrás daqueles de que tanto preciso. Tive coragem para enfrentar aquela pessoa que assusta, que diz que manda, que não deixa fazer. Com isso ganhei espaço e me impus. Coloquei a minha vontade e também aquela vontade de que não era só minha.

Nesse território, especificamente na Casa dos Meninos, eu aprendi a lidar com as pessoas, aprendi a pôr limites, aprendi que errar não é um problema e que não se sentir capaz é apenas uma fase e com o tempo e o amadurecimento você aprende.

No território, eu aprendi onde posso andar, onde não posso, que horário é seguro e qual horário não é seguro. Também aprendi que não somos 100% importantes e tudo aquilo que você passou não vai passar de uma lembrança só sua, mesmo se não for esquecido.

Fátima: Aqui na região tem um conjunto habitacional popular construído na década de 1980. Esse

conjunto se localiza no fundo de um vale e na época foi delimitada a área do terreno nas medidas de 5 metros de frente por 15 metros de comprimento, uma área muito menor do que o padrão de então. Nele, as ruas também não consideraram a área de calçadas e sua largura é, em média, a de um carro. O fato é que, passados 40 anos, esse conjunto está altamente adensado (cada casa com 3 ou 4 andares). À primeira vista, quem conhece o conjunto habitacional se assusta, a visão parece falha, com autoconstruções não terminadas. Porém, pelo conjunto ser resultado da luta por moradia, criou-se uma comunidade bastante unida e mobilizada para conquistas coletivas (escolas, creches, UBS etc.), o que fez dele um dos locais mais seguros para morar. Há um sentimento

de cuidado com os vizinhos. Morei nos últimos 12 anos nesse conjunto habitacional e aprendi muito.

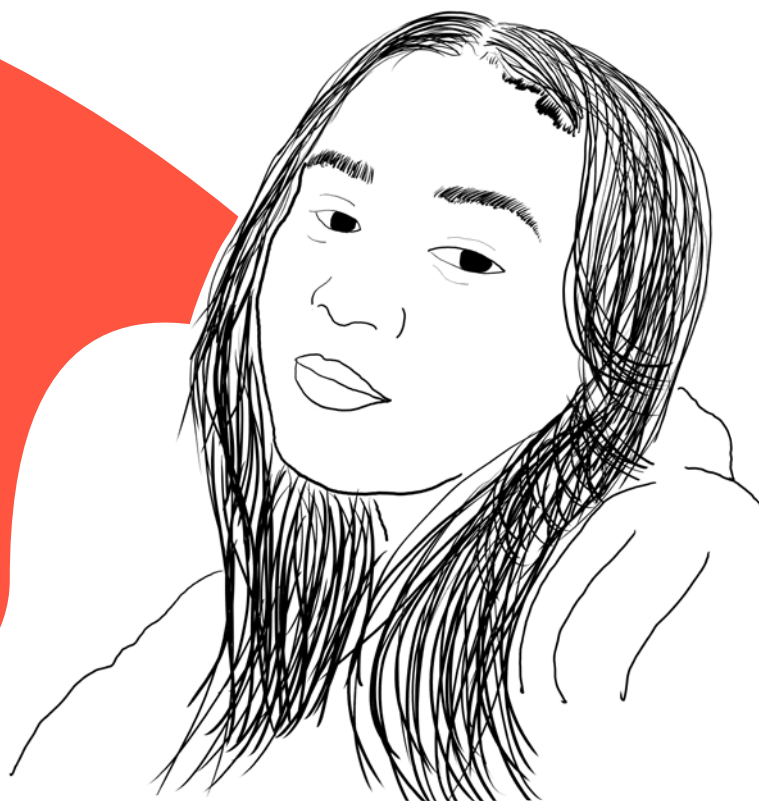
Maria: Por muitos anos, tínhamos interesse em que parte da rua Yoshimara Minamoto, entre a rua Borromini e a avenida Fim de Semana, fosse alterado o fluxo, ficando apenas mão única, o que facilitaria o acesso à Casa. Nós moradores fizemos um abaixo-assinado para isso, mas não conseguimos colocar essa pauta em primeiro lugar. Com os estudos feitos, entendemos e colocamos como a maior necessidade a alteração da rua da UBS próxima, para que tivesse mais acesso. Assim tivemos que entender a necessidade primária com dados e prioridades para além do bem-estar.



Gabriel: Um grande aprendizado que tive nesse território foi a importância do ambiente de lazer, pois cresci andando pra lá e pra cá de skate. Nisso conheci outros moradores da região praticantes de diversos esportes. Muitas vezes convidava a turma para praticar esporte e isso tirava alguns deles dos estresses em casa ou até de possíveis coisas erradas a que talvez em algum momento fossem induzidos.

Eduarda: *O lugar onde eu moro
No lugar onde eu moro
Tem gente trabalhadora
Tem gente valente
Tem gente corajosa
e também estudiosa
No lugar onde eu moro
tem pequenos brechós
tem mercados e padarias.*

*Com tudo isso, aprendi a ver
a minha realidade de outra
forma, da forma que eu vejo meu
território, para que outra pessoa
possa ver totalmente diferente.*



Juan: *Eu nunca tinha passado na rua Borromini. Descobri a travessa cheia de gato. Foi um caminho novo, não tinha pensado em usar.*

Também fui em uma nova quadra de futsal que não conhecia, agora sei onde é.

Luana: *Uma experiência de vida de formação que me marcou foi a minha participação no movimento “Creche para todos”, que envolveu idas a campo pelas ruas de nosso*

território, batendo de porta em porta para levantar o real número de crianças fora da creche. Esses dados levantados se somaram a outros de algumas regiões de SP. Assim o movimento conseguiu demonstrar para o poder público a real situação naquele momento em relação à demanda de creche na cidade.

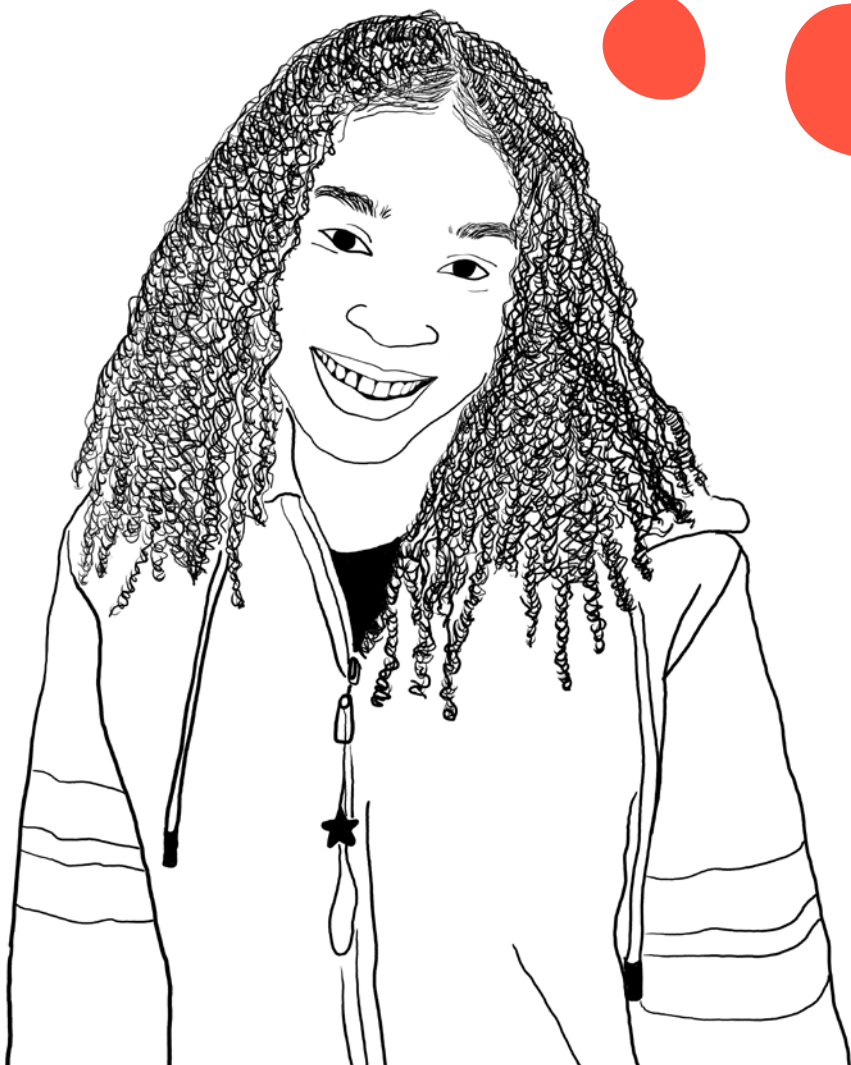
Esse movimento reuniu mães e responsáveis pelas crianças que somaram suas forças. Nós fomos até a Câmara Municipal de SP. Nós

nos manifestamos e também fizemos encontros importantes no nosso território e em outros.

Todas as informações que fizemos/ levantamos obtiveram resultados importantes para a população. Os dois principais resultados foram a obrigatoriedade de a Secretaria Municipal de Educação deixar pública a lista de espera das crianças que precisam de creche e, mais para

frente, a inauguração de mais uma creche dentro do conjunto habitacional Promorar Jardim São Luís.

Tive nesta experiência muitos aprendizados sobre a força da união e o poder do território e de dominarmos as informações presentes nele. Tanto as boas como as ruins, que podem nos ajudar a correr atrás do que precisamos.





SEXTO ENCONTRO

Centro de Pesquisa e Formação, 25 de agosto de 2023

Nosso sexto e último encontro aconteceu no dia 25 de agosto, no CPF. No intervalo entre o encontro anterior e o planejamento deste, ficamos sabendo de algumas reverberações da pesquisa na Casa dos Meninos: conversas e atividades com os jovens, mas também diálogos entre os educadores e uma escrita coletiva com intuito de sistematizar os fundamentos e práticas educativas. A ambiência criativa do sexto encontro buscou estabelecer alguns diálogos com essa produção do coletivo de educadores.

O texto tem bonita abertura, que transcrevemos a seguir:

A Casa dos Meninos trabalha de uma forma própria com educação não formal desde 1999. O centro de suas concepções sobre educação, embora nunca extensivamente formulado, é o de se opor a uma "educação bancária", da qual Paulo Freire fala: uma educação voltada para preparação de mão de obra de baixa qualificação para o mercado, e, em seu lugar, propor uma educação transformadora, uma pedagogia dos e para

os oprimidos, uma educação libertadora que vise à construção de sujeitos históricos, que pensem suas opressões e as possibilidades de transformação de seu entorno e do mundo [...].

Portanto, a nossa investigação se orientou para os elementos de uma educação transformadora, e fizemos isso alternando a perspectiva dos jovens e a perspectiva dos educadores. E sem perder de vista que todos nós, adultos, já fomos jovens um dia.

Desejo e experiência na educação transformadora

Iniciamos propondo que uma educação transformadora é aquela que encontra os nossos desejos. Desejos de educadores e desejos de educandos. Vamos entendendo que uma educação que mobiliza o desejo não é aquela que “obedece aos desejos”, mas aquela que se coloca em diálogo com eles, que contribui para que os jovens possam entrar em relação com seus desejos. Aquela que gera novos desejos a partir das relações educativas entre jovens e adultos, entre os próprios jovens e com o conhecimento.

Depois trouxemos a ideia de que uma educação transformadora é aquela que toca nossa experiência e dialogamos com a visão de Jorge Larossa (2002):

Vamos agora ao sujeito da experiência. Esse sujeito que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer. Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Se escutamos em francês, em que a experiência é “ce que nous arrive”, o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam

as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. E em português, em italiano e em inglês, em que a experiência soa como “aquilo que nos acontece, nos sucede”, ou “happen to us”, o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos.¹

Então pensamos em algumas experiências educativas que foram transformadoras, a que chamamos de “pontos de virada”.

O Julio Cesar viveu um “ponto de virada” quando passou a ver os colegas e ser visto por eles de uma maneira nova. Isso foi um acontecimento na história do Julio Cesar; antes ele se sentia sozinho e os colegas o consideravam chato. Uma experiência coletiva (jogo de futebol?) criou novos laços e percepções.

A experiência da Duda teve a ver com as oficinas da Casa dos Meninos. Na hora de escolher as oficinas, ela queria muito fazer a de audiovisual, mas não tinha muita expectativa em relação à oficina de sustentabilidade. Já na primeira atividade da oficina de sustentabilidade, ela se surpreendeu em saber que a sustentabilidade não era apenas sobre reciclagem, mas toda uma maneira nova de ver o mundo.

A Stefany narrou uma história de ter assis-

¹ Jorge Larossa Bondía, "Notas sobre a experiência e o saber de experiência". *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 4 ago. 2024.

tido a uma palestra interessante sobre leucemia na escola, mas o que realmente a afetou foi descobrir que o doador da medula óssea de um dos casos mencionados na palestra era um amigo da turma.

Os “pontos de virada” narrados pelos jovens mostram que a experiência vem com um conteúdo emocional: a surpresa, o sentimento de pertencimento, de solidariedade, o encanto pela beleza, a excitação das novas descobertas.

Daiane nos conta que problematizar as técnicas e conhecimentos dados é uma forma de aprofundar as relações de aprendizagem e de ir além, contextualizar e aplicar o que se aprende nas realidades dos jovens e da comunidade. “A relação entre o que a gente aprende e a nossa realidade é algo muito presente em nossa prática”, complementa Luana.

Outro elemento das práticas educativas da Casa é “Fazer por si mesmo”, isto é, uma preocupação de tomar conta dos nossos problemas inteiramente, sem produzir divisões entre concepção e prática, transgredindo também funções estereotipadas de gênero e de classe social.

Essa preocupação permanente em se apropriar do conhecimento para usar nas realidades periféricas e na luta por relações sociais mais justas organiza todos esses “elementos transgressores” da concepção educativa da Casa dos Meninos.

A reinvenção e a problematização do conheci-

mento produzido em diversos contextos culturais para dialogar com os contextos periféricos são estratégias de contextualização e/ou descolonização do conhecimento. Não separar concepção e realização também é essencial aos processos de desalienação que eles desejam promover. Por exemplo, as educadoras e os educadores não se conformam em usar as tecnologias sem saber como elas funcionam, ainda que a tarefa de decifrá-las esteja cada vez mais complexa e trabalhosa.

Para dialogar com esses inconformismos e dar continência para conversas paralelas que vimos fazendo sobre machismo e racismo, apresentamos uma fala (no Programa TED Talks de 2009) de Chimamanda Ngozi Adichie, intitulada “O perigo da história única”². A escritora conta como ela cresceu com referenciais literários e culturais britânicos, nos quais era difícil que uma jovem nigeriana se reconhecesse. Chimamanda vai percebendo o quanto os referenciais europeus contam uma história única sobre a África e os africanos. Uma história que homogeneiza as muitas e diversas culturas do continente e, ao mesmo tempo, as define exclusivamente a partir de perversos efeitos do colonialismo, como a pobreza. Por outro lado, ela também se percebe reforçando histórias únicas sobre, por exemplo, os imigrantes latino-americanos que vivem nos Estados Unidos.

Instigados e instigadas pelo discurso da escritora, perguntamos: que histórias únicas contam sobre a juventude? Sobre a periferia? Sobre as mulheres? Sobre as pessoas negras? Que história única contam sobre nós?

2 Disponível em: <<https://youtu.be/EC-bh1YARsc?si=9yNhEacDdX7G8tOv>>. Acesso em: 4 ago. 2024.

Luana: Às vezes, contamos histórias únicas até mesmo de quem está próximo de nós.

Os jovens falam sobre muitos temas: dos preconceitos em relação aos migrantes nordestinos e aos imigrantes sulamericanos, dos padrões da beleza branca, dos preconceitos em relação aos jovens periféricos, da narrativa sobre a juventude “não querer nada com nada” ou “não se interessar pela política”.

Daiane: *Eu gostaria de falar sobre colonialidade: quais discussões e modos de vida existem além dos que conhecemos por meio das culturas europeias? Há inúmeros apagamentos de outros modos de vida e de pensamento. E ninguém está isento de contar histórias únicas. Precisamos estar auto-vigilantes com essa possibilidade.*

Mas as histórias únicas que são contadas sobre nós nos afetam mesmo sem serem verdadeiras e afetam nosso desejo. Transgredir tem um custo, nos exige muita força.

Na Casa dos Meninos, somos muito exigentes em relação ao ideal de uma sociedade mais justa e a uma prática

soberana em relação à tecnologia. Não nos conformamos em fazer um uso alienado da tecnologia ou da técnica. Somos periferia e queremos superá-la no sentido das condições injustas em que vivemos, mas mantê-la como cultura (periférica). “A meritocracia é um veneno”

Luana: *A meritocracia é uma história única também. “Fulano também foi pobre e conseguiu chegar lá” são falas comuns, infelizmente, que vemos por aí. Quanto a meritocracia nos afeta? Para nós, isso é um veneno, porque nos afeta, porque acabamos criando uma autolimitação, como se a gente não pudesse ocupar certas posições, como se aquilo não estivesse lá para nós. A gente não consegue nem construir nem ter informações para chegar até lá, em posições de controle da “caneta”. A insegurança por falta dessas informações nos causa medo. E o engraçado é que, mesmo sabendo da nossa história e vontades, isso nos afeta. É “engraçado” isso... Engraçado, não, é triste mesmo.*

Lilian: *A meritocracia é, como você diz, venenosa, porque ela vai bater justamente, como a Daiane e a Luana falaram, na nossa*

capacidade de desejar. Claro que iremos resistir e iremos transgredir essa mensagem da meritocracia. Mas vamos transgredir com uma dificuldade emocional grande, porque sabemos que não seremos bem recebidos lá na fronteira que iremos cruzar. Se as histórias únicas afetam o nosso desejo por estar em outros lugares, elas também diminuem nossa capacidade de agir.

Luana: *Coloca dentro da nossa cabeça: “Isto não é pra mim”. E é esse paradoxo que temos que mudar.*

Lilian: *Sim, e para a gente transgredir, temos esse “truque” que vocês encontraram que é nos mantermos juntas e juntos para contar as histórias únicas das quais queremos nos desfazer. Ao mesmo tempo, narrar as histórias que foram apagadas. Contar histórias que contam a nossa singularidade. Que nos façam querer expandir-nos, crescer e ocupar novos espaços. E nos sentirmos confortáveis nos lugares que são nossos por direito.*

Renan: *Como a Luana falou, a gente sente medo de algumas coisas Mas por que não nos colocarmos num estado de experiência e depois*

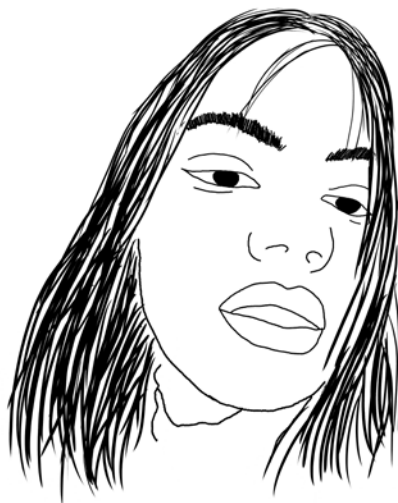
ensinarmos de uma outra forma aquilo que outrora era vivido de uma forma ruim? Transformar aquilo que nos foi passado de uma forma má em algo diferente? Eu gosto muito de uma frase do Paulo Freire que diz que, quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor. E às vezes a gente dá continuidade na opressão para que aquilo não se volte contra nós.

Lilian: *Eu fico um pouco em silêncio para pensar... O que o Renan falou me faz pensar no outro lado. Quando contam uma história única sobre alguém, tem o lado desse alguém e de como ele foi afetado. Mas também tem o outro lado, dos outros que não tiveram oportunidade de saber sobre essa pessoa. A diversidade de modos de viver, de modos de conhecer e de modos de fazer arte e cultura é potente para todo mundo, porque amplia a liberdade de todos. Quando diferentes histórias singulares circulam, todos podemos nos reconhecer em aspectos da história do outro, porque não há uma história que hierarquiza as experiências.*

Equilibrar o cuidado de si e o cuidado do outro fica mais difícil para quem carrega a mochila pesada do machismo

Como elemento de mediação da nossa conversa, propomos a leitura do seguinte excerto de Jan Masschelein e Maarten Simons sobre o processo constante de reflexão sobre a prática:

[O ponto de partida da reflexão pedagógica] consiste em um mundo prático e em pedagogos (estudantes ou educadores) que querem colocar-se à prova e consideram que o cuidado de si próprio é a condição da ação pedagógica correta. É uma tradição que, antes de mais nada, afirma que a educação e o ensino implicam domínio do eu, que não podemos cuidar de outros se não cuidarmos de nós mesmos em primeiro lugar. [...] Concretamente, isso significa que estamos no presente; que estamos atentos a como atuamos em um espaço e em um tempo determinados; que estamos presentes e continuamos estando no que fazemos e no que desejamos fazer, no que dizemos e no que desejamos dizer. Isso significa que estamos dispostos a confrontar o que pensamos e o que dizemos com o que fazemos e com o que somos, que como pedagogos trabalhamos continuamente em nós mesmos. [...] O trabalho sobre si próprio baseado no cuidado de si é um exercício em que o eu põe em jogo a si mesmo e sofre uma transformação³.



Daiane: *Eu fico pensando que é difícil! A própria questão do cuidado de si, atravessada pela experiência de gênero, é muito difícil. Na experiência das mulheres, o cuidado é principalmente cuidar do outro, cuidar é um papel imposto às mulheres. Se for olhar bem, a maioria dos movimentos de base são feitos por mulheres. Por que as mulheres estão mais preocupadas em garantir direitos? Em relação ao cuidado, as mulheres são sobrecarregadas em relação aos homens. Como construir esse cuidado de si na perspectiva das mulheres? Pois eu concordo que você precisa estar bem para cuidar do outro. A reflexão que eu trago é de gênero mesmo, o cuidado fica mais sob a responsabilidade das mulheres. Pelo menos é o que eu percebo, não sei... Homens (que) se defendam!*

Galeano: *Às vezes, é indefensável!*

Leonardo: *É... não tem o que defender. Existe todo um movimento, algumas pessoas se dão conta e, quanto mais se expõem, mais temos possibilidade de transformar. Até em casa mesmo, quem me ensinou as coisas foi a minha mãe. O meu pai saía para trabalhar. Mas a minha mãe me ensinava com muita*

dificuldade, porque certas coisas ela achava que eu não deveria saber simplesmente por eu ser homem. Então eu tive que buscar outras referências... O homem em geral não se cuida, não cuida de seu corpo, não faz os exames para se prevenir de doenças. Os homens só vão ao médico quando algo dói. No meu ambiente, os homens vão menos ao médico do que as mulheres. E é uma luta cotidiana para romper com esse processo. Uma luta que passa por si mesmo, se cuidar para poder cuidar do outro.

Fatima: *Eu acho que o cuidado está muito implicado no coletivo, o coletivo me orienta. O coletivo cuida. “Mas, Fatima, pra que esse estresse todo? Vai descansar.” Ou “Você precisa estudar”. Porque a gente com a gente mesmo, acho muito difícil se cuidar, a gente se preparar. O coletivo nos coloca para refletir sobre como cuidamos dos grupos e de nós mesmos.*

Lilian: *A gente falou um pouco dos aspectos mais pragmáticos desse cuidar, mas o Masschelein está nos convidando a pensar no cuidado como ponto de partida da reflexão pedagógica. O autor nos chama a atenção para o fato*

de que, quando educamos outras e outros – e digamos que a gente trabalhe com esses conceitos que perseguimos hoje, desejo, experiência, diversidade –, há uma exigência ética de que a gente esteja em contato com nosso próprio pensamento. Que a gente seja capaz de olhar para si e cuidar de produzir uma coerência. Um pouco como a Chimamanda se questionou, há histórias únicas que são contadas sobre a África e os africanos, mas e as histórias únicas que ela estaria contando? O cuidado de si seria essa reflexão que checa a si próprio. A gente pode pensar que o coletivo da Casa dos Meninos pode ser esse espaço para que os educadores pensem as próprias práticas, que mantém um projeto educativo vivo e em transformação. Nas idas e vindas da reflexão, os educadores se transformam.

Luana: *Da nossa perspectiva [diferente da do filósofo belga] de educadoras, nós temos um trabalho para fazer e muitos aprendizados com os jovens, mas, ao mesmo tempo, nós carregamos uma mochila pesada [do machismo]. E como*

estar bem com esse peso? Talvez seja mais fácil para um homem falar de cuidar de si. As mulheres têm todo o trabalho doméstico, o cuidado dos filhos e dos idosos, somos mais solicitadas e nos rendemos mais a essas demandas sem questionar. Mas também gostaríamos de parar para ler um livro, estudar, descansar. Tentamos dar conta disso tudo na raça. Para transformar, nós precisamos de tempo. Eu penso sobre mim, como professora. Eu tenho 36 anos e ainda não estudei inglês, por exemplo, tem gente que estudou desde o primeiro ano. Sendo mulher, moradora de periferia e filha de trabalhadores, e ainda educadora, enfrentamos uma ladeira enorme para subir.

Lilian: *A gente pode pensar que é inerente a qualquer prática educativa pensar sobre si, pensar sobre a relação entre educadores e jovens. Embora seja difícil, a Casa dos Meninos é um projeto educativo que proporciona esse pensamento sobre a prática. Cuidar de si e do outro acontece nas condições que temos, muitas vezes estas estão longe de serem ideais.*

Como finalização de nossa ambiência, fizemos um exercício individual de escrita. Mas a escrita tinha que seguir algumas regras. No início do encontro, após falarmos de desejo e experiência, pedimos para que os participantes escrevessem frases a partir da seguinte pergunta: “Desta conversa sobre desejo e experiência, o que mais interessou

e intrigou você?” Usamos tarjetas diferentes para identificar as frases dos jovens e dos educadores. O exercício final lançou o desafio para que os jovens escrevessem seu texto utilizando as tarjetas escritas pelos educadores e vice-versa. E, assim, foram produzidas diversas escritas, das quais destacaremos algumas a seguir:

CICLO VIRTUOSO ENTRE DESEJO E CONHECIMENTO (E AUTOCONHECIMENTO)

O que você deseja mobiliza a descoberta de novos conhecimentos, então o conhecimento mobiliza novos desejos.

Educação não se trata só de aprender ou ensinar, e sim também de autoexaminar os seus conhecimentos, aprendizados etc.

Julio Cesar

CONHECIMENTO E FORÇA INTERIOR/CONFIANÇA

Pra mim [educação transformadora] é quando nos aprofundamos para descobrir conhecimento. Quanto mais aprendemos, mais autoconfiança possuímos, mais conseguimos nos posicionar e aumentar a nossa perspectiva sobre o mundo.

Ewerton Kaique

CONHECIMENTO DE SI E DO OUTRO/EXPERIÊNCIA

Desejo de estudar e de obter conhecimento com base na experiência, aprender com aquilo que os outros já sabem, junto com o grupo e de forma coletiva, descobrindo, assim, uma coisa com cada pessoa.

Mesmo sem ter necessidade, poder saber para poder espalhar e continuar sempre aprendendo com a cultura de cada um, para que amanhã possa dizer “quem hoje aprende, amanhã ensina”. Pensando no

coletivo, não só o entorno, mas todo o resto.

“O verdadeiro sucesso não está em vencer os outros, mas em superar a si mesmo.”

Juan

EDUCAÇÃO PARA SUPERAR FRONTEIRAS

A educação é um importante instrumento transformador, baseia-se no rompimento das fronteiras do conhecimento, nos capacita à evolução e acaba nos transformando em pessoas independentes, críticas, inovadoras e capazes de resolver problemas emergentes e exigências da sociedade e do mundo contemporâneo.

Eduarda

DESEJO E CONHECIMENTO / ABERTURA

O desejo mobiliza a descoberta de novos conhecimentos, assim como o conhecimento mobiliza mais desejos, cada um tem a sua ideia e o seu desejo. Todos têm que escutar um lado [ou muitos lados?] da história. Por exemplo: “Lá, aquele lugar, não é bom”, mas você nunca foi para saber. Nós temos que parar de colocar defeitos antes de saber pela experiência.

Esthefany

EDUCAÇÃO QUE LIBERTA E EMPODERA

Acredito que uma educação transformadora, o próprio nome já diz, nos transforma. E essa transformação nos dá poder e autonomia e também nos mostra esse retorno do caminho ou itinerário que nós trilhamos sobre a educação.

O ato de aprender sempre nos faz evoluir, nos capacita, nos traz liberdade e, a partir disso, nos dá certas experiências.

Uma educação transformadora precisa considerar o momento da

experiência e o exercitar daquilo que se aprende. O repasse ou contribuição no ensino do outro é algo que precisa ser melhor desenvolvido. A experiência da pandemia, quando tínhamos que ficar em casa e estudar de forma remota, explicitou a necessidade do encontro para que o processo de aprendizagem ocorresse. Esse encontro passa por despertar novas vontades que se vê no outro; o que passa por compreender na linguagem do amigo aquilo que não entendeu do professor.

Isabella

EDUCAÇÃO COMO SENTIDO PARA SI

Um aspecto importante da educação transformadora é também a construção de sentido para si, de modo imediato, mas também a longo prazo. A construção de sentido é algo social e coletivo.

Fátima

FORMAÇÃO DE EDUCADORES

Eu acho que a educação seria mais transformadora se nós não ficassemos só na tese e tirássemos as ideias do papel para colocar em prática e experimentar. Para que no futuro as pessoas também nos escutem e coloquem em prática e experimentem não apenas ficar só escutando e escrevendo, mas ir lá da sua forma e acrescentar sua visão.

Anônimo

EDUCAÇÃO É PRÁTICA E PARTICIPAÇÃO

Para que haja uma educação transformadora é necessário que o educador tenha antes de tudo uma formação, conhecimento e planejamento que passe aos alunos os desafios no seu futuro.

Maria

COMO PENSAR A LIBERDADE SE ESTAMOS EM CONDIÇÕES TOTALMENTE DIFERENTES?

“O desejo nos leva à experiência e a experiência nos traz o desejo.”

“Se um pequeno desejo faz uma grande diferença, imagine um grande desejo.”

“Liberdade.”

[Tarjetas escolhidas para a composição]

Fiquei pensando nessa primeira frase, sobre a espiral em que as palavras desejo e experiência são apresentadas. Uma educação que considere esta espiral me parece transformadora.

E, por consequência, se no coletivo eu me torno maior, mais excelente, a educação transformadora parte da experiência e do fazer coletivo. Na Casa dos Meninos, essa ideia está sempre presente. Não que por vezes aquilo que está colocado de forma mais cotidiana no que se entende por educação não surja, muitas vezes surge, mas sempre pensamos em práticas colaborativas e que essas práticas sejam uma forma de pautar a prática político-pedagógica da Casa dos Meninos.

Por fim, a palavra liberdade, fico pensando: “Quem escreveu essa palavra relacionada à educação transformadora?”. Pois liberdade está condicionada, na minha concepção, a várias possibilidades que temos na vida. Que a escolha seja feita sem machucar o outro, que não se baseie em machismo, racismo, LGBTfobia ou qualquer outra forma de opressão.

Então a liberdade escrita por algum dos adolescentes me fez pensar em educação e na vida em liberdade.

Daiane

ESCU TA, DIVERSIDADE E CONHECIMENTO

Educação transformadora em minha visão é a que ouve, que considera, que garante a liberdade.

Como vivemos em sociedade, devemos entendê-la em sua essência, considerando sua diversidade, e todo o aprendizado envolvido nesse processo de educação deve ser frequentemente analisado e revisitado, pois as coisas mudam e isso deve ser pautado.

O aprofundamento dos aprendizados e como eles devem se dar são importantes.

Anônimo





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fernando José de Almeida

VÁRIAS MORADAS



nde moram os “meninos” da Casa dos Meninos?

Suas casas estão por perto, são pequenas ou novas, branquinhas ou só de tijolos ainda.

Nossas casas estão sempre em todos os lugares, até porque morar significa “onde realizo meus costumes”, onde faço as coisas mais usuais para viver bem e em comum.

A minha casa é também casa dos outros: “sinta-se em casa”, como lugar onde realizo as coisas mais comuns, mais dignas, prosaicas e simples da sobrevivência.

Minha casa me acolhe ao mesmo tempo que eu a construo com minhas identidades, – um quadrinho ali na mesinha, as marcas da altura das crianças feitas com lápis na parede, as fotos dos avós na sala, a folhinha

mensal que ganhamos da padaria do bairro, a foto da minha irmã no dia da formatura, fotos do último campeonato do meu time... Lembranças que constituem os costumes e que dão calor e proteção ao habitáculo, ao habitar e ao espetáculo.

Na minha casa, eu mostro meus valores e meus desejos, transparentemente.

Ao habitarmos um espaço, damos-lhe sentido.

A palavra *êthos*, em grego primitivo, quer dizer caverna, habitação primeira de nossos ancestrais. A primeira casa.

Ali, na caverna, ele – o homem que nascia – decorava, pintava, cobria-se, acendia a fogueira, contava histórias, abrigava as crianças, protegia-se das feras e do frio, criando a primeira noção de ética. Ao torná-las habitáveis, construía os primeiros lares. Os primeiros deuses romanos chamavam-se Lares ou Penates. E assim os lares têm a inspiração em deuses protetores.

Torna-se a ética (*éthos*) uma forma originante de bem, de belo, de digno, de protetor e organizado. De sagrado. No fundo, de uma busca de ser feliz.

Antropologicamente, podemos afirmar que a casa é nossa primeira ética. Ali conhecemos o bem em sua origem. Ali o vivemos como gênese de um mundo novo que não é só a alimentação ou a proteção, mas a beleza e os significados das coisas.

Sendo assim, a casa dos meninos e das meninas fica localizada em muitos outros discretos e escolhidos espaços afetivos, físicos e mutantes.

Uma vez os jovens e as jovens percebendo, tomando parte, vivendo em tal *éthos*, passam a ter em seu íntimo os valores éticos da casa.

O tempo de vivência em que a juventude

pode permanecer na Casa dos Meninos é pequeno, mas marcante. Em geral, não ultrapassam os quatro anos. Circunscreve-se ao tempo de estudos nas escolas do bairro, públicas ou privadas.

Os jovens e as jovens devem estar estudando para frequentar as atividades regulares da Casa e, em geral, ao fim dos estudos do ensino médio, saem para dar lugar a outros.

Muitos voltam sob novas atividades e compromissos, como dirigentes ou profissionais da educação.

Ali é um lugar deles durante um período amplo e significativo de suas vidas.

Os meninos e as meninas moram onde estão seus corações.

E como isso pode se dar numa situação concreta de organização da sociedade civil¹, comprometida com as causas urgentes da melhoria da sociedade, em geral, apenas consumista e de produção em massa?

Como o coração desses jovens fica em toda parte, vamos escolher aqui uma delas que nos uniu a todos, que são os atores e escritores deste livro: a instituição e algumas vivências da Casa dos Meninos²!

1 O capítulo “A história da Casa dos Meninos” descreve a história e os objetivos da fundação do Instituto Casa dos Meninos na década de 1970, com detalhes e com dados de sua inserção no Jardim São Luís e nas ideologias do momento da cidade e dos bairros da zona sul envolvidos no trabalho.

2 A Instituição Casa dos Meninos tem o nome no masculino, mas, desde que deixou de ser orfanato

A casa, a escola e a cultura

Aprendi, com minha proximidade e participação no mundo ideológico do Sesc de São Paulo e do Sesc Nacional, que a cultura e a educação são um par de irmãos. Um não existe sem o outro. E, quanto mais um se desenvolve, mais precisa do outro para cumprir suas missões antropológicas. Cultura e educação juntas constroem alegria, convívio, respeito, trabalho, beleza, diversão, refinamento de habilidades, sutilezas de relações, respeito pelo diferente, enfim, momentos de felicidade. Conhecer é poder comunicar seus conhecimentos com beleza e habilidades, o que é prazeroso e realizador. Por isso as exposições de arte, festas juninas, campeonatos de diferentes espécie de esportes são valorizados nas escolas, nos bairros e nas cidades. Festa é cultura. Carnaval, por exemplo, é muito mais que desfile de escolas de samba: “Carnaval é o Brasil que deu errado, pois nosso país foi (e continua a ser) projetado e colonizado para excluir e concentrar rendas, desarticular sentidos coletivos de vida e aniquilar as culturas não brancas”... ele, o Brasil, assim “deu certo” como país e

nação, nessa concepção perversa de construção nacional. Mas não é essa a nação que achamos que deu certo. Ela funciona apenas para alguns. Luiz Antonio Simas em sua exaltação ao carnaval, afirma que “o carnaval pode ser o Brasil que dará certo, pois é a reconstrução da brasilidade e é a vitória da reconstrução de sentidos coletivos da vida e do encanto diante do mundo”³. Todos vemos – a cada ano no carnaval – a riqueza dos temas históricos e as denúncias contra a indignidade retratada e criticada pelos sambas-enredos. O carnaval de 2024, das escolas de samba do RJ e de SP, foi uma vitória do corpo sobre a morte. Elas denunciam, tanto em São Paulo como no Rio e nos demais carnavais das grande cidades deste Brasil, que só aparentemente deu certo e anunciam um Brasil que pode ser reconstruído.

A concepção ideológica e política de que cultura e educação não existem uma sem a outra me foi destacada por Danilo Santos de Miranda, que dirigiu a Regional do Sesc

exclusivamente masculino, passou a abrigar meninas e meninos. Além do mais, foi criada em uma época (1962) em que o gênero masculino representava ideologicamente o universal de todas as palavras. Tal tratamento, indelicado, enfatize-se aqui, foi sendo assumido pelas várias gerações que frequentaram a Casa e hoje, talvez por conta da dificuldade burocrática de alterar a marca, é mantida discretamente a adjetivação masculina. No entanto, se virmos a composição de gêneros de seus protagonistas, podemos constatar a absoluta consideração e respeito entre eles. Trocarão a “marca” institucional para ajustar sua prática à nova visão da questão de gênero? Isso é outro assunto...

3 Texto do perfil @simas_luiz no X (ex-Twitter), postado em 9 fev. 2024. Sua descrição do carnaval brasileiro continua: “O carnaval assusta num mundo cada vez mais individualista porque afronta a decadência da vida em grupo, reaviva laços contrários à diluição comunitária, fortalece o pertencimento e sociabilidades e cria redes de proteção nas frestas do desencanto”. **Tudo isso no bojo da sociedade das tecnologias virtuais, dita sociedade da comunicação (nota minha).**

SP por 40 anos. Ele se empenhou sempre para articular as duas nas diretrizes sociais e programáticas em todas as mais de 40 unidades de São Paulo. Teatro não é educação, mas sem uma boa dose de teatro não se faz educação de qualidade. Educação não é teatro, mas representar, escrever um roteiro, conceber uma história fantástica ou realista, escolher cenários, criar figurinos, decorar textos, estudar autores, ler a nossa história... tudo isso é forma de teatralizar a educação, trazendo-lhe novos sentidos e compromissos. Pela história e pela utopia, presente nas denúncias de injustiças.

Assim, tais dimensões da cultura se imbricam na educação como sua alma.

A Casa dos Meninos pode ser vista assim, como uma dimensão educativa da cultura e uma dimensão cultural da escola.

O espaço da Casa dos Meninos vem trabalhando na reconstrução do vínculo essencial entre a educação formal e não formal. Seu empenho é o de explicitar a falsa e perversa oposição entre as duas modalidades de ensino e aprendizagem: a educação formal e a não formal. A origem dessa afirmação está na relevância que a Casa dos Meninos dá para a permanência dos jovens e das jovens na escola formal do bairro. Em geral, da escola pública. As diferenças entre os dois propósitos educativos os torna complementares, não antagônicos. Vamos a eles para entender

melhor a articulação necessária entre esses dois propósitos.

Na educação não formal, cada jovem se inscreve livremente. Pode se desligar facilmente quando não puder ou não quiser mais frequentá-la. Seus cursos ou atividades são de curta duração. Na escola pública formal, o estudo é obrigatório por lei – mesmo no segundo grau⁴. O currículo está determinado por diretrizes regionais e nacionais, como financiamento do Estado e manutenção de qualidade e fornecimento de condições de acesso e permanência em todo o território nacional. Ou seja, seu compromisso é o de o fornecer para cada aluno em torno de 15 mil horas de trabalho escolar, fazer formação docente, fornecer alimentação, material escolar e locomoção. Tal lei de 14 anos de estudos obrigatórios datando de 2013 completou agora os 10 primeiros anos de sua vigência; as primeiras turmas ainda nem se formaram. Além disso, todos sabemos que os marcos legais não garantem necessariamente a plenitude dos seus resultados. A grandeza de números e de duração de décadas do trabalho da escola na vida de cada um é de absoluta relevância e, por isso, seus espaços são uma zona de disputa política velada ou de escancarada defesa de seu fim. Ou de ataque à inoperância ou incapacidade de ser conduzida pelo Estado, defendendo-se a urgente necessidade de *homeschooling*, de privatização de suas operadoras – em forma de

4 O ensino médio torna-se obrigatório a partir da Lei n. 12.796/2013. Dessa forma, um total de 14 anos de escolaridade (dos 4 aos 17 anos) passa a ser garantido pelo Estado.

escolas *charter*, trocando-se o serviço do Estado por *vouchers* fornecidos à família.

Sendo assim, vejo a iniciativa da Casa dos Meninos como uma compreensão precisa e sábia da nossa Constituição em seu artigo 205, que afirma:

A Educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A forma educativa proposta pela Casa dos Meninos é o cumprimento de uma visão legal da importância da “*colaboração da sociedade no incentivo e colaboração para a formação da pessoa humana*”.

O trabalho que aqui analisamos e difundimos pela tarefa constitucional da Casa extrapola – em muito – possíveis desejos individuais ou espontâneos de colaborar com projetos de formação de alta responsabilidade social.

Os trabalhos da educação não formal são fundamentais como colaboração ao sistema escolar legal, constitucional e constituinte do projeto de nação. A não formalidade traz leveza, criatividade, pertinência ao cotidiano da vida e do território onde vivem as crianças e jovens. Mas suas finalidades sendo diferentes, seus recursos também o são e merecem ser distintos dos das escolas, ainda que complementares. Trago três

exemplos que permitem compará-los para distingui-los e vê-los como complementares e não como desligados. A carga horária da instituição formal é de 15 mil horas (no mínimo!), com 14 anos de acompanhamento da vida de seus estudantes!

O total das crianças e jovens a serem atendidos simultaneamente no Brasil de 2024 é de 52 milhões de alunos/ano.

Os seus profissionais pedagógicos (professores, diretores e gestores) tangem a raia de 2,5 milhões de funcionários em período integral – dos rios da Amazônia à lagoa dos Patos.

A beleza do trabalho civilizacional ao qual nos dedicamos tem a finalidade de trazer – pelo conhecimento e pelas vivências da cultura – algumas das condições mais humanas de aprender a ser livre e a viver em conjunto. Assim nos disse Paulo Freire ao afirmar que a educação é uma prática da liberdade. Mas, como ninguém liberta ninguém e ninguém se liberta sozinho, a Casa dos Meninos é uma aprendizagem e convívio, tendo a educação como um dos lugares de prática da liberdade.

Tais práticas foram sendo apresentadas discreta e cuidadosamente nos seis encontros havidos aqui e lá. O trajeto Jardim São Luís e praça 14 Bis, feitos nos ônibus fretados, preparava entre nós momentos de pré-reflexão e dúvidas sobre como seriam os encontros. Todos nos preparávamos (os meninos de lá e nós do Sesc daqui) com cui-

dado, prevendo as atividades, sopesando o que queríamos deixar como mensagem; imaginávamos os lanches a serem dados, a conversa no café, quem viria?... Os resultados e as expectativas.

Foi aí que pensei e conversei com Lilian, Gustavo e Leonardo: “Estamos dando-lhes aulas e recebendo aulas”. Traçávamos os objetivos, relembávamos quem eles e elas eram, seus rostos, a timidez de alguns, como saberíamos que estamos no caminho correto, como veremos os resultados ao fim, como mostraríamos para onde estávamos caminhando e muito. Carecíamos de saber o que eles queriam e precisavam, não apenas o que imaginávamos que fossem ideias que criamos sobre seus mundos!

Essa é a essência de uma aula. Ou seja, poderíamos mostrar para eles que a aula como metodologia sempre é viva, atual e eficaz. E, portanto, o trabalho da Casa dos Meninos, extensão da escola e reflexão sobre a vida, pode ter uma dinâmica adequada se conseguirmos inculcar nela o espírito de uma aula viva. Buscávamos alargar o conceito de aula que se aninhou nas escolas e que pode engessar sua vida. Nela os temas são preparados para que a espontaneidade dos alunos possa brotar. Que os valores possam ser construídos coletivamente. Lembro-me muito da atividade trazida pela Lilian, em que nós apresentávamos a origem de nossos nomes. Aquilo foi uma aula da melhor qualidade!

Falamos sobre a história de nossos nomes, sobre valores, sobre sonhos, sobre a família,

sobre o futuro, sobre “um exercício encantador, porque a gente se lembra que alguém sonhou um lugar no mundo para nós”.

Ora, fazer uma aula com a “radicalidade do trabalho conjunto” é a origem de tudo.

Os nossos seis encontros foram aulas preparadas ou resultado da riqueza da abertura para o todo. Não podemos entregar tal riqueza da espontaneidade planejada de uma aula como a que fizemos para uma aula com instrução programada ou com uma aula pretensamente “maravilhosa” porque foi dada por um astro televisivo, por um *influencer* badalado, ou ainda por um robô cientista programado pelos algoritmos do Google – a tal inteligência artificial.

A forma mais radical de enfrentar as “grades” da escola não é acabando com ela e cada um fazendo estudos em casa, *on-line* ou com programas de faça-você-mesmo-seu-projeto-de-vida. Tal equívoco é desejado e produzido artificialmente nas redes por encomenda. Será ótimo para os empacotadores de serviços que nós mesmos, educadores ou alunos, desenvolvamos a desvalorização da escola e do conhecimento em si. Os vendedores de *softwares*, de cursos *on-line* e plataformas virtuais estão comprando nossa desvalorização da escola, dos currículos e das equipes de professores e educadores à custa de nosso futuro.

A desvalorização do conhecimento é trazida por uma onda que diz “não precisamos aprender porque tudo já está no Google ou nas

fontes virtuais de conhecimento”. Mas, além de tudo, é dito que “o conhecimento é tão grande que não temos condições de conhecê-lo todo” e, além disso, afirmam tais falsos profetas que “o conhecimento muda tão rapidamente que nem adianta aprender. Quando acabamos de aprender, aquele conhecimento já foi superado!”. Isso é mentira.

O que aprendemos na Casa dos Meninos terá data de validade para vencimento? E sempre? Pois nos fez aprender a viver, a refletir, a compreender o outro, a duvidar e ter incertezas... tudo isso como um aprendizado que abriu portas e portas, superou janelas e grades e nos permitiu conhecer o que está à nossa volta e da nossa história? O que é datado para obsolescer é o conhecimento abstrato virtual que, simulando sempre o real, não tem a realidade do mundo concreto em que vivemos!

Que conhecimento de uma IA ou dos algoritmos podem sonhar nossos futuros por nós?

Que máquina poderia ir construindo à medida que nos ouvia em “um exercício encantador, porque a gente se lembra que alguém sonhou um lugar no mundo para nós. Nos sonharam princesas, médicos, engenheiros, artistas, cidadãos, amigos...”. Ela seria capaz de fazer isso com que tipo de significado?

Aqui, o texto foi tão maravilhosamente desenhado por Cibele e Gil. O texto ilustrado é a grande aula construída por todos nós, mas preparada e gestada carinhosamente pelos nossos professores, cujos resultados foram muito mais profundos e belos do que poderíamos sonhar. Daí brota o mistério do conhecimento humano.







Centro de Pesquisa e Formação

Rua Dr. Plínio Barreto, 285, 4º andar
Bela Vista - São Paulo - SP
01313-020 - Tel.: (11) 3254-5600
centrodepesquisa.cpf@sescsp.org.br
sescsp.org.br/cpf

ISBN: 978-65-87592-31-2

CPFL



9 786587 592312